



Textos Inspiradores

CHRISTIAN SCIENCE

Home Page

Demonstração

Oração e cura

Supremacia Divina

Tratamento

Imortalidade

Suprimento

Meu Lugar e outros

Doença não Existe

Posse e outros

Testemunhos 1

Testemunhos 2

IMORTALIDADE TRAZIDA À LUZ

Dorothy Rieke, 1957

Jamais poderei esquecer a iluminação e a alegria que invadiram a minha consciência assim que me foi revelado pela primeira vez o fato de eu ser uma filha imortal de Deus e não uma criatura mortal e material. Esta revelação deu-se durante uma conferência da Ciência Cristã, quando era eu ainda uma estudante muito recente desta Ciência. Permitam-me agora partilhar convosco o relato que, pela primeira vez na minha existência, me revelou a imortalidade.

A história centra-se num jovem príncipe que quando ainda criança, deixou a sua ama e foi passear sozinho num bosque onde acampava um grupo de ciganos. Estes últimos raptaram o menino e criaram-no como um verdadeiro cigano. Tendo vivido alguns anos ao ar livre com os seus raptadores, o rapaz tornara-se tão moreno e trigueiro como os ciganos que o rodeavam. Vestia-se com as mesmas vestes, falava a mesma língua e usava também já um nome cigano. Assim, tendo a aparência de um verdadeiro cigano, era natural, que ele se considerasse como tal. Quando o rapaz atingiu a idade adulta, o grupo de ciganos acampou novamente nos bosques que circundavam o palácio e um amigo íntimo do rei, que nunca havia deixado de procurar o príncipe, ao ver o jovem, ficou impressionado com a forte semelhança deste, com o rei. A despeito da sua aparência de cigano, o velho cortesão ficou perfeitamente convencido de que se tratava do filho do rei. Conhecendo um pouco do idioma cigano, perguntou ao jovem: "Sabeis quem sois?" Fitando o seu interlocutor com extrema admiração, ele respondeu: "Se eu sei quem sou? Claro que sei." E apressou-se então a pronunciar o seu nome cigano. "Ah! — exclamou o amigo do rei —, mas esse não é o vosso verdadeiro nome. A verdade a vosso respeito é que sois o filho do rei." O jovem abanou decididamente a cabeça, retorquindo: "Está enganado, eu não sou o filho do rei; sou cigano." Mas o cortesão respondeu: "Eu sei que é isso que pareceis ser, mas de fato, sois realmente filho do rei." "Se isso que afirmais é verdade — retorquiu o jovem —, então eu devo ter um sócio, porque somos duas pessoas diferentes: eu o cigano, e o filho do rei. Mas eu não sei onde este se encontra."

"Não — insistiu o nosso amigo — sois apenas um. E é a vós que eu me refiro, ao filho do rei."

"Então — continuou o jovem na esperança de que a questão seguinte resolvesse o caso —, se eu sou realmente o filho do rei, qual é a origem do cigano?" O seu interlocutor respondeu-lhe que ele não possuía absolutamente nada de cigano, que apenas o parecia, e depois prosseguiu, explicando que toda essa aparência não era senão uma mentira a seu respeito, a qual nunca poderia modificar o fato de ele ser realmente o filho do rei. Resumindo, apenas na sua ignorância e no seu desconhecimento se tinha alojado o seu conceito de cigano, uma vez que ele jamais pudera ser outro senão o filho do rei.

Chegando a este ponto, o conferencista declarou: "Não é maravilhoso que durante todo aquele tempo o rapaz sempre fora o filho do rei e nunca um cigano?" A seguir, ele frisou bem o fato de que, apesar de todos os sinais exteriores evidentes — a linguagem, as vestes, o comportamento e a pele morena — o jovem não era de fato um cigano, mas sim o filho do rei. Então, dirigindo-se ao público, anunciou: "Vós também sois os filhos e as filhas do rei — sois os filhos de Deus. Não importa a evidência que o sentido material apresente a respeito de cada um de vós — que sois um mortal, uma criatura material, filha de pais humanos e possuidora dos seus próprios problemas e aflições —, a verdade é que cada um de vós é realmente o filho imortal de Deus e nunca deixou de o ser."

Contudo, para o velho cortesão, não foi suficiente ter convencido o rapaz que ele era filho do rei e assim, insistiu em que este o devia acompanhar até a presença do rei, identificá-lo e reivindicar as suas origens. O príncipe assim o fez, mas desta vez, ele não afirmou: "Observem-me, vejam como eu me pareço com um cigano," mas exatamente o oposto: "Reparem como eu me assemelho muito com o rei. Sou a imagem e semelhança de meu pai. Sou o filho do rei e tudo o que o meu pai possui também me pertence." Claro está que, como consequência, o príncipe foi reconhecido como o verdadeiro descendente e assim, ao herdeiro foram atribuídos todos os seus direitos.

O conferencista sublinhou que também nós nos devemos aproximar com coragem do trono da graça, identificando-nos como os filhos de Deus, nada menos que a Sua própria imagem e semelhança, e reclamar a nossa herança, reivindicar a saúde, o sucesso, a felicidade e o trabalho. Se mantivermos firmemente a nossa verdadeira identidade e reivindicarmos a nossa herança, também nós receberemos a nossa parte de tudo aquilo que é maravilhoso e bom.

Deixei essa conferência regozijando-me no fato de não existirem em mim duas identidades, de nunca ter sido uma cigana, uma mortal, mas sempre a filha do rei, a filha perfeita de Deus. Logicamente, já havia me decidido a reivindicar a minha verdadeira herança. Nunca deixarei de ser grata pelo fato de me ter sido tão prontamente revelada a imortalidade no meu estudo da Ciência Cristã.

É daí que me advém a convicção de que todos os Cientistas Cristãos deveriam estar mais conscientes da sua imortalidade, e assim possuírem um melhor conhecimento desta e estarem mais alertas para esse fato.

Em II Timóteo (1:10) lemos que Cristo Jesus destruía a morte e trazia à luz "a vida e a imortalidade mediante o Evangelho". Mary Baker Eddy escreveu em nosso livro texto que Deus "destrói a mortalidade e traz à luz a imortalidade" (pág. 72:12). Que seja essa a nossa oração para esta época; que a mesma Mente que havia em Cristo Jesus e em nossa líder seja igualmente a nossa, e que possamos nós adquirir o mesmo conceito claro de imortalidade que neles existia, para que também nós possamos curar, pregar e ensinar da mesma forma como eles o faziam. Que melhor texto poderíamos nós encontrar na nossa busca do tema da imortalidade trazida à luz na nossa consciência, do que aquele que consta das páginas 241 e 242 do livro *The First Church of Christ, Scientist and Miscellany*? Os parágrafos deste último, que contém literalmente o resumo desta exposição, foram escritos pela Sra. Eddy em resposta a uma carta que lhe havia sido enviada. O conteúdo dessa carta era o seguinte:

"Ontem a tarde, fui repreendida por um praticista da Ciência Cristã, porque eu me referi a mim mesma como a idéia imortal da única Mente divina. O praticista retorquiu que a minha afirmação era falsa, pois eu vivia ainda na carne. Eu respondi-lhe que eu jamais vivera na carne, pois esta apenas vivia ou morria em função das crenças que eu entretinha a seu respeito." Eis aqui a resposta da Sra. Eddy, tal como foi publicada no *Sentinel* e mais tarde, incorporada nos seus escritos: "A Senhora está cientificamente correta no conceito que detém acerca de Si mesma. Não se pode demonstrar a espiritualidade sem que antes se tenha declarado a identidade imortal de cada um e sem que esta seja plenamente compreendida. A Ciência Cristã é absoluta; ela não está nem aquém nem além do ponto da perfeição, mas encontra-se exatamente nesse ponto e é a partir daí que deve ser praticada. A menos que se compreenda perfeitamente o fato de se ser um filho de Deus, e como tal, perfeito, não existe Princípio algum a demonstrar, nem qualquer

regra que o permita fazer (...) Na prática da Ciência Cristã, deve-se afirmar corretamente o seu Princípio, para que a demonstração seja possível."

Referindo-se a essa carta e à sua resposta, os responsáveis pela publicação dos escritos da Sra. Eddy declararam o seguinte: "É com imensa satisfação que temos o privilégio de publicar um trecho de uma carta enviada à Sra. Eddy, da autoria de uma Cientista Cristã residente no Oeste, bem como a resposta dada pela Sra. Eddy à mesma. A questão levantada é de extrema importância e exige uma resposta correta e absoluta. Os Cientistas Cristãos sentem-se muito honrados por receber as instruções da sua líder sobre esse ponto."

Afirmo frequentemente que, caso me encontrasse numa ilha deserta e apenas pudesse conservar comigo uma frase de todos os escritos da Sra. Eddy, escolheria essa mesma, pois nela está contida a indicação exata de como colocar em prática a Ciência Cristã, e assim, de como a viver. Tal como os responsáveis pela sua publicação o sublinharam, esta resposta da Sra. Eddy é um ensinamento para todos nós. Não seremos assim privilegiados por possuir tal ensinamento como base da revelação atual sobre a imortalidade trazida à luz?

Acerca da frase "Não se pode demonstrar a espiritualidade sem que antes se tenha declarado a identidade imortal de cada um (...)," a primeira lição a retirar é o dever de nos declararmos imortais. Apesar da autoridade desta declaração, quantos de vós afirmaram pelo menos uma vez durante o dia de hoje serem imortais? No início do estudo da Ciência Cristã, aprendemos como é importante declarar que tudo está bem. Um excelente exemplo dessa forma de estudo encontra-se na página 10 do livro *Christian Healing*, linhas 21-25: "Se desejas ser feliz, argumenta contigo mesmo, colocando-te do lado da felicidade; toma o partido que desejas seguir e fica atento, para que não tomes dois partidos ou defendas mais fortemente a tristeza do que a alegria. És o advogado do caso e ganharás ou perderás a causa segundo a tua defesa."

Somos agora os advogados da causa da imortalidade, sempre que nos declararmos como imortais. A Sra. Eddy escreve em *Ciência e Saúde*, que "Admitir no íntimo que o homem é a própria semelhança de Deus, põe o homem em liberdade para assenhorear-se da idéia infinita. Essa convicção fecha a porta à morte, e abre-a de par em par sobre a imortalidade." (pág. 90: 24-28) Se essa conquista pode ser alcançada mediante uma simples aceitação, o nosso progresso poderá ser ainda muito mais rápido se nós decidirmos argumentar, declarar e afirmar

agora mesmo a nossa imortalidade. A oração de afirmação é a mais inspirada e a mais poderosa forma de orar. Por isso, que o nosso primeiro pensamento, ao acordar e o nosso último ao deitar, seja um pensamento de afirmação e de gratidão pelo fato de sermos imortais. Ponhamo-nos em uníssono com o infinito uma centena de vezes por dia e agradeçamos a nosso querido Pai divino por sermos os Seus filhos imortais.

Regozijemo-nos por não sermos meras donas de casa mortais, ocupadas somente em limpar os vidros ou em encerar o chão. Como é maravilhoso reconhecemo-nos como o filho imortal do Rei, habitando na sua morada, servindo com alegria e refletindo por completo todas as Suas qualidades! Regozijemo-nos por não sermos um simples jornalista mortal, descrevendo os acontecimentos futuros de um conceito mortal do universo.

Como é maravilhoso saber que somos o filho imortal do Rei ao serviço do divino para testemunhar a Verdade do universo espiritual de Deus! Não nos vejamos como um homem de negócios afadigado com excesso de problemas e oprimido pela sensação de incapacidade de os resolver, mas regozijemo-nos por estarmos ao serviço de Deus, recebendo constantemente os pensamentos e as idéias da Mente divina, permitindo assim que cada acontecimento da nossa carreira se desenrole com perfeita ordem e sucesso. Regozijemo-nos por não sermos um professor mortal que tenta ensinar a um grupo de mortais que talvez considere pouco receptivos, mas sim por sermos divinamente designados, divinamente escolhidos para levar a verdade do ser aos filhos imortais de Deus, que são sempre receptivos à única Mente infinita. Cada um de nós pode encontrar a ocasião de negar a existência material e de se regozijar na imortalidade. Assim o fazendo, não agiremos nós como o príncipe, identificando-nos como o filho do Rei e reclamando a nossa verdadeira herança de imortalidade?

O segundo ponto nessa maravilhosa frase é compreender que somos imortais. Antes de contemplarmos tudo quanto constitui a imortalidade, afirmemos que já possuímos toda a compreensão a esse respeito. Aceitarmos a declaração da Sra. Eddy, a qual salienta a importância de admitir que o homem é a própria semelhança de Deus, abre a porta à imortalidade. Na mesma página, podemos ler: " A compreensão e o reconhecimento do Espírito têm que vir finalmente (...)"

De novo a nossa líder nos encoraja a afirmar agora aquilo que é justo e bom. Ao fazê-lo, abriremos realmente a porta a uma maior compreensão. Deste modo, mesmo que pretendamos prosseguir na nossa busca científica e aprofundar o tema da

imortalidade, vamos admitir e afirmar desde já que o compreendemos agora. Declarar que compreendemos a imortalidade, baseados no fato da compreensão divina constituir a nossa própria compreensão, faz com que sejamos conduzidos à nossa verdadeira herança e abre caminho para que a imortalidade seja trazida à luz na nossa consciência. O novo dicionário escolar Webster define a imortalidade como "qualidade ou estado daquilo que é imortal; existência eterna."

Um estado do ser que se define como não sendo mortal, não sendo efêmero, pregava a imortalidade de uma forma lógica e coerente e referia-se à sua origem espiritual nos seguintes moldes: "Vim do Pai e entrei no mundo." (João 16:28). Estava igualmente consciente da sua pré-existência, uma vez que afirmou: "Antes que Abraão existisse, eu sou." (João 8:58). Expressava o reconhecimento da sua existência espiritual, dizendo: "Eu e o Pai somos um." (João 10:30); reconhecia a continuação da vida depois da sua existência terrena, ao afirmar: "Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus." (João 20:17). Jesus jamais admitiu alguém como morto, mas apenas como adormecido; acerca da filha de Jairo, ele afirmou: "Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme." (Marcos 5:39) E acerca de Lázaro: "Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo." (João 11:11) Em ambas as situações, ele provou a nulidade da morte e a realidade e imortalidade da Vida.

É seguindo a mesma lógica que a Sra. Eddy revela a imortalidade do homem. O que é que melhor poderia resumir a sua compreensão da origem divina do homem, da sua vida espiritual e eterna, do que um postulado que a Sra. Eddy considerou como uma das "pedras angulares do templo da Ciência Cristã"? — "que a Vida é Deus, o bem, e não o mal; que a Alma é impecável e não se acha no corpo; que o Espírito não é nem pode ser materializado; que a Vida não está sujeita à morte; que o homem real e espiritual não tem nascimento, nem vida material, nem morte." (C&S pág. 288, : 23-28). Com este postulado declarando que o homem espiritual ignora o que é o nascimento, vamos agora abordar o tema da imortalidade.

Seguramente, devemos começar pelo fato de que o homem nunca nasceu na matéria. Muitas pessoas, incluindo alguns Cientistas Cristãos, "trabalham" para se protegerem da transição da morte. Não será esse procedimento uma forma de começar pelo oposto do problema? Se se regozijassem no fato de que jamais haviam conhecido o nascimento material, reconheceriam igualmente o seguinte: que aquilo que nunca nasceu, nunca pode morrer. A pior e a mais perigosa mentira sobre o homem é

a crença de que este tenha tido uma origem material.

Não deveríamos então negar esta mentira mais do que qualquer outra? Em nosso livro texto, a Sra. Eddy oferece-nos uma notável interpretação espiritual dos versículos do capítulo 10 do Apocalipse: "Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima da sua cabeça, o rosto como o sol, e as pernas como colunas de fogo, tendo na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra." Acerca desta interessante visão, a nossa líder escreve na página 559 de Ciência e Saúde: "Esse anjo tinha na mão um "livrinho" aberto, para ser lido e compreendido por todos. Porventura esse mesmo livro continha a revelação da Ciência divina, cujo "pé direito" ou poder dominante estava sobre o mar — sobre o erro elementar, latente, fonte de todas as formas visíveis do erro? O pé esquerdo do anjo estava sobre a terra: isto é, um poder secundário era exercido sobre o erro visível e sobre o pecado audível." Permanecemos alertas para não colocarmos nosso pé unicamente sobre "o erro visível e o pecado audível."

Uma vez negados a moléstia, a dor e o pecado, realizamos menos de metade do nosso trabalho — não nos devemos nunca esquecer de controlar e de reduzir a nada "o erro elementar e latente, a fonte de todas as formas visíveis de erro", através de um claro reconhecimento da totalidade de Deus. O que é esse erro elementar? Não é mais nada senão a crença do nascimento do homem na matéria. Recordem-se que o anjo considerou importante colocar o pé direito ou poder dominante sobre a fonte de todas as formas visíveis do erro, a crença de um nascimento humano. Se o anjo tivesse podido apoiar-se num só pé, decerto teria escolhido o pé direito, pois uma vez dominado o erro latente elementar — a crença de que o homem nasce na matéria — nunca poderia existir nenhuma outra forma de erro visível. Não existiria nenhum corpo físico passível de desenvolver uma doença, nenhum sentido material capaz de experimentar uma dor, nenhum mortal contra o qual estar em conflito, nenhuma forma de matéria capaz de acumular o erro e nenhuma mente mortal ansiosa ou medrosa. Como é bom saber que o pé direito da Verdade onipotente está colocado sobre o erro latente do nascimento material, e reconhecermos e compreendermos que o homem é imortal.

A Sra. Eddy elaborou frases maravilhosas para melhor evidenciar o fato de que o homem nunca nasceu. Uma dessas afirmações trouxe-me uma cura e ajudou-me a compreender que, por nunca ter sido mortal, nunca poderia estar implicada num acidente. Eu tinha caído de uma determinada altura sobre um rochedo pontiagudo e ao voltar-me a Deus para pedir ajuda, recordei-me

da seguinte declaração: "O homem (...) não pode decair de sua origem elevada." Ao estudar a referida citação no livro texto, raciocinei que, se eu nunca havia nascido na matéria, era totalmente impossível eu cair. A passagem seguinte vos é decerto familiar: "Já que o homem nunca nasceu e jamais morre, ser-lhe-ia impossível, sob o governo de Deus na Ciência eterna, decair de sua origem elevada." (pág. 258:28) A que corresponderá o fato de nunca haver nascido, de nunca ter tido concepção material? — interroguei-me. A resposta veio como se fosse Deus a falar-me: "A tua 17a irmã nunca nasceu." No primeiro instante, fiquei perplexa com tal resposta, mas refletindo mais um pouco, vi claramente que se a minha 17a irmã nunca havia nascido na matéria, ela não possuía nenhum corpo físico que pudesse cair, e que nenhum poder podia ocasionar essa queda. Concluí que ela nunca havia deixado o céu pela terra, que ela nunca se tinha corporalizado ou materializado; ela habitava sempre em Deus, onde era impossível cair; o seu ser era espiritual, e por isso, estava ao abrigo de feridas ou contusões; a única substância que sempre a animara era o Espírito e como consequência, um ferimento não tinha qualquer razão de ser. Em seguida, regozijei-me pelo fato de tudo quanto era verdadeiro a respeito da minha 17a irmã ser igualmente verdadeiro a meu respeito, porque também eu nunca nascera na matéria. Essa iluminação espiritual a respeito da minha verdadeira identidade espiritual foi confirmada mais tarde numa referência de Ciência e Saúde relativa à nossa imortalidade: "A Ciência divina dispersa as nuvens do erro com a luz da Verdade, levanta a cortina e deixa ver que o homem nunca nasce e nunca morre, mas coexiste com seu criador." (pág. 557:22)

Naturalmente, seguiu-se uma cura instantânea e completa. Que melhor descrição do homem imortal podemos encontrar, senão aquela contida na epístola aos Hebreus (7:13): "sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto feito semelhante ao Filho de Deus."

Somos agora esse homem imortal. Através da iluminação da Ciência Cristã é possível compreender essa verdade, reivindicá-la e regozijarmo-nos com ela.

Essa epístola aos Hebreus levanta uma questão importante. Será que o apóstolo sugere que rejeitemos os nossos pais humanos? É de fato uma obrigação fazê-lo, se desejamos ser lógicos na reivindicação da nossa imortalidade. Como podemos afirmar que somos filhos de Deus e em seguida declarar que nascemos de determinados pais humanos? Recordemo-nos que não podem existir, em nós duas identidades — o filho do rei e o cigano. Existe apenas uma só identidade e essa corresponde ao

filho de Deus. Jesus deixou-nos o seu exemplo, renunciando aos seus pais terrenos com apenas doze anos de idade e reconhecendo Deus como o seu único Pai, afirmando a Maria e a José: que se ocupava dos negócios do Pai. Ele recusava todo parentesco humano, declarando: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? (...) qualquer que fizer a vontade, de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe." (Mateus 12:48, 50)

Seremos nós insensíveis, cruéis e ingratos ao negar a paternidade desses entes queridos a quem nós chamamos nossos pais e ao recusá-los como a fonte de nosso ser? Não, pelo contrário, nós os abençoaremos. Em vez de vê-los como humanos, nascidos na mortalidade, sujeitos ao pecado e à doença, nós os abençoaremos como filhos imortais de Deus, espirituais, perfeitos, sujeitos unicamente às leis de Deus. São muitas as mulheres que foram curadas pela Ciência do mau funcionamento de órgãos físicos, de varizes e de outras dificuldades causadas por partos, por não se considerarem como mortais dando à luz a outros mortais, mas regozijando-se por serem seus filhos as expressões imortais do ser de Deus, não possuindo qualquer outra origem. Problemas de eczemas, asma e diabetes são bem menos suscetíveis de se desenvolverem nas famílias ou nas crianças que aceitam Deus como o seu único Pai e seu único Criador. E não se trata de uma falta de amor... de fato, é uma tomada de consciência da presença de um Amor muito maior, um Amor que liberta, e da ausência de pressões, de contrariedades e de limitações de um sentido humano de amor.

A verdade de que Deus representa o nosso único Pai é uma lei de cura para qualquer problema de hereditariedade, quer num caso de doença, quer para uma questão de caráter. Não tendo nunca nascido de pais humanos, o homem não pode herdar qualidades ou condições próprias da raça humana. Oriundo unicamente de Deus, o homem não tem outra hipótese senão herdar as qualidades e condições provenientes da divindade. Um homem obteve uma cura relativa a seu pai e a seu filho quando negou qualquer relação mortal entre os três, raciocinando que, sendo eles filhos de Deus, não podiam herdar senão as Suas qualidades. Isso significava que ele não havia herdado asma de seu pai, tal como seu filho não a herdara dele próprio. Os três estavam convictos de que nenhum deles havia herdado as tendências humanas de medo, frustração e conflitos emocionais que poderiam ter contribuído para o aparecimento da crença em asma. Mais ainda, esse homem concluiu que, não existindo relacionamento humano, não poderia existir um sentido opressor de amor, o qual se poderia fazer representar sob a condição de asma, mas ao invés, regozijou-se de que cada um refletia o generoso e libertador amor de Deus. Então, a cura há tanto

procurada foi rapidamente alcançada através da aplicação desta simples verdade de que Deus é a nossa única origem e o nosso único criador, o nosso Pai-Mãe. Se cada um se identificasse unicamente como o filho de Deus, então todos seríamos irmãos e irmãs num único universo espiritual, e os pais nunca mais seriam um fardo para os filhos, nem os filhos para os pais. Tudo estaria inteira e completamente a cargo de Deus, independente de qualquer pessoa e nos casos em que os laços humanos e as suas falsas responsabilidades se evidenciassem, estabelecer-se-ia antes uma relação feliz e harmoniosa.

A propósito, que idade tem cada um de vós? Se eu agora vos pedisse que prometessem dizer apenas a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, qual seria a vossa resposta? Que o fato de não possuírem idade é maravilhoso: não tendo nunca nascido, não podeis ter nem um dia, muito menos trinta, quarenta ou cinquenta anos. Que idade tem a vossa 17a irmã? Nunca tendo nascido, terá ela dias ou anos? Claro que não.

O mesmo se passa convosco. A verdade acerca da idade do homem é que este é radiosamente jovem. Ele é eterno, o reflexo imediato e instantâneo do ser de Deus. Tal como o raio de sol, que mesmo que exista há milhões de anos continua a refletir ainda hoje o sol, assim o homem, o reflexo e a expressão do ser de Deus é neste mesmo instante tudo quanto Deus é. Esse homem é, sem qualquer dúvida, eterno, e tal como o raio de sol, está sempre no zênite da perfeição. Embora o homem mortal possa parecer emocional e impulsivo, ele é sensato e moderado, a completa e perfeita imagem e semelhança de Deus, refletindo em perfeito equilíbrio e da forma mais completa todas as qualidades de Deus.

É isso que a Sra. Eddy exprime quando compara a vida ao sol e a humanidade ao zênite eterno. Não um zênite em função da acumulação de anos, mas sim em função da plenitude e da totalidade do reflexo. O nosso nascimento espiritual não poderia encontrar melhor descrição que esta maravilhosa citação de Ciência e Saúde: "A criação está sempre se manifestando e tem de continuar a manifestar-se eternamente, por causa da natureza de sua fonte inesgotável." (pág. 507: 30-32)

Não possuindo idade, é uma impossibilidade para o homem ser penalizado pelos seus anos de vida material. A verdade fundamental acerca do mito do nascimento humano fecha a porta às doenças infantis. Logo que uma família seja capaz de se regozijar pelo homem não ter idade e não mais considerar os seus filhos como crianças ou bebês, e sim como idéias de Deus, possuindo a idade da maturidade, cessam os pensamentos

receptivos a crenças em papeira ou em varicela. Os problemas de pele ligados à adolescência cedem facilmente à verdade gloriosa de que o homem nunca nasceu e nunca pode ter a idade de um dia, muito menos de dezessete anos. Decerto, aquele que compreende e se alegra constantemente por ser imortal, não pode, de modo algum, ser penalizado pela evolução da vida. Nunca tendo nascido, o homem não tem sequer um dia, e muito menos cinquenta anos. Sabendo que a vida é Deus, sem mutações e sem idade, o homem deve obrigatoriamente demonstrar a perfeição imutável e a harmonia.

O mesmo se aplica aos problemas que surgem aos sessenta ou mais anos, que são imediatamente resolvidos assim que a imortalidade sem idade for reivindicada. Uma das minhas amigas estava muito preocupada por seu pai ser obrigado a aposentar-se aos sessenta e cinco anos, pois ele tinha sido sempre um homem muito ativo na sua profissão e ela temia que a inatividade pudesse trazer-lhe problemas. Porém, nessa fase, essa minha amiga concentrou a sua atenção na imortalidade do homem e no fato dele não possuir idade, regozijando-se com estas verdades. Realizando que o seu pai nunca tinha nascido, era impossível que ele tivesse sessenta e cinco anos, e portanto inconcebível que este pudesse ser prejudicado por algo que não existia. Pôde ainda concluir que Deus nunca aposenta os seus filhos, mas emprega-os continuamente. Um dia, o seu pai encontrou um amigo e este perguntou-lhe como passava; ele respondeu que estava bem, mas que preferiria continuar trabalhando. Então o amigo replicou: "Eu conheço um bom número de pessoas que teriam todo o interesse em empregar alguém como tu." Assim, no curto espaço de uma semana, o pai da minha amiga estava empregado. Apesar de ter dirigido durante anos um departamento de uma importante organização, ganhava agora muito melhor neste novo emprego. Isto passou-se três semanas antes do Natal e a companhia ofereceu-lhe um presente, tal como a todos os outros empregados — o primeiro presente que ele alguma vez recebera de qualquer empresa.

Porque conhecemos e compreendemos a imortalidade, sejamos então nós reconhecidos por não termos que aceitar qualquer penalidade causada pela idade! Não é maravilhoso que nenhum de nós tenha alguma vez que passar pela velhice, nem ser prejudicados por ela? Somos agora a expressão imediata do ser de Deus e sempre o seremos, manifestando plenamente a Sua liberdade, a Sua força, a Sua inteligência e a Sua atividade divinas, já que somos imortais e compreendemos que de fato o somos.

Que faremos, então, quanto aos aniversários?

A Sra. Eddy diz-nos em *Ciência e Saúde*: "Medir a vida pelos anos solares é espoliar a juventude e revestir a velhice de fealdade." (pág 246:11-12)

Ela declara que nunca deveríamos fazer caso da idade e que "os registos de nascimento e de óbito não passam de conspirações" contra o homem e a mulher. Permanecemos firmes a respeito desta questão de nunca ter nascido, ao invés de afirmarmos sem refletir: "Não posso ser prejudicado pelo nascimento, que na verdade nunca aconteceu" e em seguida fazer caso de um aniversário ou desejar um feliz aniversário a uma outra pessoa. Porque havemos de celebrar algo que nunca aconteceu? Permitam-me deixar-vos aqui algumas questões que a Sra. Eddy nos coloca em *Miscellany*: "É Deus infinito? Sim. Criou Deus o homem? Sim. Criou Deus tudo quanto foi criado? Sim, Ele o criou. É Deus Espírito? Sim, é. O Espírito infinito criou aquilo que não é espiritual? Não. Quem ou que é que criou a matéria? A matéria como substância ou inteligência nunca foi criada. É o homem mortal um criador, material ou espiritual? Nem um, nem outro. Porquê? Porque o Espírito é Deus e é infinito; como tal, não pode existir nenhum outro criador, nem nenhuma outra criação. O homem é unicamente a Sua imagem e semelhança.

Sois vós Cientistas Cristãos? Eu sou. Aceitam como verdadeiras as declarações acima transcritas? Eu aceito. Então qual a razão destas comemorações de aniversários desprovidas de sentido, se estes não existem?" (pág. 235:15-26)

É comum a interrogação: "Que devemos pensar acerca dos presentes de aniversário? Afinal, essas ofertas são uma expressão de amor." Todos nós ficamos felizes por dar um presente e é certo que apreciamos a idéia que incita uma outra pessoa a fazê-lo. Mas porquê associar a um presente os estigmas da ficção, da irrealidade e da mentira? Porquê ajudar a cavar uma sepultura, acrescentando a palavra "aniversário" a um presente? Há quem diga: "Eu não faço qualquer referência à idade, esse dia é apenas o meu dia." Certamente, se assim o desejarmos, todos nós podemos atribuir a um dia um caráter especial, mas porque motivo escolheremos aquele em que nascemos? Porque não escolher uma outra data e consagrá-la como nossa? Um casal meu amigo ignora totalmente esses dias passando-os anonimamente e sem celebração.

Em vez de celebrar essas datas, preferem então comemorar o dia de S. Valentim, que de todas as formas, é um dia consagrado à expressão do amor. Assim, eles estabelecem um forma de comemoração, trocam presentes e fazem realmente desse dia especial o seu dia.

Já alguma vez pensaram como é fácil ver o nosso próximo perfeito, uma vez que se tenha tomado consciência do fato de que ele nunca nasceu? Foi isso que aconteceu numa determinada altura da minha vida, quando me era particularmente difícil ver a irrealidade das qualidades mortais desagradáveis de uma pessoa, e ver somente as qualidades de Deus. Depois, encontrei em Ciência e Saúde a afirmação de que a Ciência "(...) levanta a cortina e deixa ver que o homem nunca nasce (...)" (pág 557: 21-22) Então, baixei a cortina sobre a imagem de um mortal invejoso e egoísta e apeguei-me à imagem que a Ciência apresenta sobre o homem. Vendo o meu próximo como coexistente com Deus, foi-me muito mais fácil aceitá-lo como amoroso, honesto, sem medo, pleno de compaixão e generosidade. Persisti neste conceito, o verdadeiro conceito, e inútil será dizer, a situação harmonizou-se.

Sugiro-vos que naqueles casos em que nas vossas experiências vos seja, particularmente difícil adquirir a visão perfeita, baixem então a cortina sobre a imagem mortal e deixem que a Ciência vos revele a verdade sobre o ser real que nunca nasceu na matéria. Posso vos garantir que vereis o vosso próximo já não como um cigano e sim como o filho do rei. Conscientizando-nos que jamais nascemos, devemos igualmente aceitar o fato glorioso de que nunca trocamos o céu pela terra. Vivemos, movemo-nos e possuímos sempre o nosso ser em Deus. Assim sendo, o nosso universo é o universo da consciência divina e a nossa história é a história eterna de que "tudo é Mente infinita e Sua manifestação infinita." (C&S pág 468:10-11) Essa poderosa verdade revela que não existe nada que possa nos afetar, condicionar ou influenciar, senão Deus. No reino da consciência, no interior do qual habitamos, não existe nenhum relato de Adão e Eva capaz de lançar uma maldição sobre nós; não existe caos, destruição, carência, limitação ou conflito capaz de nos fazer sofrer; não existe nenhuma falsa teologia capaz de nos governar ou de impedir o nosso bem-estar, quer nós a apelidemos de Catolicismo, Protestantismo ou Comunismo; não existem leis médicas para nos aprisionar, e acima de tudo isso, não existe mente mortal capaz de exprimir medo, ódio, inquietação, tentação, inveja, abuso, mentira, desconfiança, e assim por diante. Por conseguinte, não existindo mente mortal, não há mesmerismo, magnetismo animal ou hipnotismo que nos influenciem. Todas as forças nocivas e destrutivas ligadas ao universo material e a uma história mortal são completamente falsas, postas a nu como absolutamente inexistentes pela verdade imortal de que o homem nunca nasceu na matéria. É necessário compreender que não somente somos agora imortais, mas que sempre o fomos. Nunca houve um início de

imortalidade. Uma assim-chamada existência material jamais pôde interromper a imortalidade. Em resposta à pergunta de Deus a Jó: "Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra e (...) as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?" (Jó 38: 4, 7) nós podemos afirmar: "Estava lá com as estrelas da alva, rejubilando, junto aos filhos de Deus."

Jesus estava consciente da sua pré-existência espiritual., como se pode verificar pelo teor desta grande oração: "E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo." (João 1 7:5) É fácil compreender que não podia existir moléstia, pecado ou mesmo uma crença em nascimento, "antes que houvesse mundo". Deus era a única origem, o único criador. Ele glorificava o homem através da Sua própria existência, da Sua. própria realidade, da Sua própria substância, da Sua própria consciência, do Seu próprio ser e da Sua ação; da Sua própria lei, da Sua própria realidade, do Seu próprio amor, do Seu próprio conhecimento e compreensão.

Esse mesmo fato é verdadeiro ainda hoje, pois nunca existiu um mundo material ou uma existência material para interromper a imortalidade. A Sra. Eddy escreve, em Escritos Miscelâneos: "O conhecimento firme e verdadeiro que o manso Nazareno possuía acerca da sua pré-existência e da inseparabilidade de Deus e do homem foi o que o tornou poderoso." (pág. 189: 8-11) Declara ainda na mesma obra: "Os mortais perdem o seu conceito de mortalidade — moléstia, pecado e morte — na proporção em que adquirem o conceito da pré-existência espiritual do homem como filho de Deus, como o descendente do bem, e não como o oposto de Deus — o mal, ou o homem decaído." (pág. 181:27) É igualmente importante que ao utilizar o termo pré-existência, estejamos bem certos de que não nos referimos a uma vida espiritual anterior a uma vida material, ou a uma vida material precedendo uma outra vida material. Muitas religiões ortodoxas ensinam que o homem deixou o céu pela terra, e que devido a esse fato, nós já vivemos espiritualmente antes desta existência material. Outras religiões pregam uma existência material precedendo a existência material atual. Mas a Ciência discorda destes falsos preceitos e os substitui pela verdade da imortalidade ininterrupta da existência espiritual atual, tão espiritual como aquela que existia antes que "houvesse mundo". Existe somente a existência espiritual, e assim, a única pré-existência tem que ser forçosamente espiritual.

Antes de conhecer a Ciência, eu acreditava que devíamos ter tido vidas anteriores, mas o meu conceito era um conceito

mortal. Eu estava predisposta a aceitar a imortalidade, a vida eterna, mas imaginava igualmente que existiam períodos de mortalidade. No final do Curso Primário da Ciência Cristã, cada aluno estava autorizado a fazer uma pergunta ao nosso Professor, que já antes havia insistido no ponto de que a única pré-existência era espiritual. Contudo, eu não estava ainda muito convencida e perguntei-lhe então o seguinte: "Se nunca experimentamos uma existência material anterior a esta, então porque é que eu nasci na América, tive o privilégio de receber uma boa educação, de encontrar a Ciência Cristã e de ter sido abençoada pelo Curso Primário, enquanto que na Índia, um hindu vive na maior miséria, sem quaisquer possibilidades de se elevar acima do seu sistema de castas, recebendo muito menos instrução e não tendo sequer a hipótese de ouvir falar na Ciência Cristã? Se nós não tivemos nenhuma existência humana anterior que influencia o status da nossa existência atual, então porque é que existe uma diferença tão grande nas nossas experiências?" A resposta foi plena de sabedoria: "Ambas não passam de sonhos."

Pude então entender que o meu raciocínio acerca da pré-existência era falso, porque não estava baseado num fato científico. Como no presente supomos viver uma existência material, eu pensava que a pré-existência, deveria também ter sido material. "Para raciocinar corretamente" escreve a Sra. Eddy, "deve estar presente no pensamento um só fato, a saber, a existência espiritual. Na realidade, não há outra existência, porque a Vida não pode ser unida à sua dessemelhança, a mortalidade." (C&S, pág. 492:3-7) Em seguida, neguei o sonho presente da existência material e pude aperceber-me de que a nossa pré-existência era idêntica à imortalidade espiritual, perfeita e ininterrupta. Em momento algum eu e o hindu pudemos viver uma história material, da mesma forma que nenhum de nós foi alguma vez cigano. Tivemos, ao longo de todo o tempo, a nossa vida em Deus e ambos sempre fomos abençoados de uma forma ilimitada pelos Seus recursos infinitos, estando sempre plenamente conscientes da nossa espiritualidade e imortalidade, bem como da nossa união com o Pai.

Referindo-se a uma pré-existência, para assegurar que os seus leitores se conscientizariam totalmente da imortalidade infinita, a Sra. Eddy associou esse tema a uma outra palavra — "coexistência". Vejam, de que forma inspirada ela a utiliza no livro Escritos Miscelâneos: "A Ciência inverte o testemunho do sentido material pelo sentido espiritual, segundo o qual Deus, o Espírito, é a única substância e o homem, a Sua imagem e semelhança, é espiritual, não material. Essa grandiosa verdade não anula, mas confirma a identidade do homem, a sua

imortalidade e pré-existência, ou coexistência espiritual com o seu Criador." (pág. 47: 21-27)

Tendo aceito o fato de que somos agora imortais e sempre o fomos, será o termo "coexistência" mais apropriado? Mais do que uma sugestão passada, presente ou futura, a coexistência representa a imortalidade ininterrupta do eterno agora; tendo aceito o fato de que somos agora imortais e que sempre o fomos, admitamos o fato de que sempre o seremos. É neste ponto que a maioria das religiões cristãs concordam, ao saber que o nosso futuro está associado à imortalidade.

No entanto, estas diferem da Ciência Cristã, quando partem do princípio de que teremos que morrer para a imortalidade prevalecer; assim, uma vez terminada esta vida, deveríamos então continuar a viver a fim de alcançar a demonstração de imortalidade. Mas a Vida é Deus e Deus é a única Vida, a nossa Vida, a qual não conhece a morte — nem mesmo uma fase chamada transição. Cristo Jesus ensinou, pregou e demonstrou a verdade de que a Vida é eterna e de que a morte não existe. Esta gloriosa promessa foi proferida perto do túmulo de Lázaro: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente. Crês nisto?" (João 11: 25, 26). A ressurreição de Jesus dentre os mortos, seguida da sua ascensão, foi uma prova irrefutável de que o homem é eterno. Em todos os seus livros a nossa líder provou a irrealidade e total inexistência do processo de morte. São inumeráveis as vezes em que ela declara: "A morte não existe." É por este motivo que não deveríamos temer a morte como uma inimiga, nem acolhê-la como uma amiga, mas apenas considerá-la como sendo absolutamente nada, e portanto, totalmente não-existente. Como é maravilhoso saber que a nossa compreensão espiritual, a nossa saúde e a nossa imortalidade não são cúmplices de uma amiga chamada morte! Como tal, não somos obrigados a acolher essa falsa amiga, pois a nossa saúde, a nossa compreensão espiritual e a nossa imortalidade procedem de Deus, fonte inesgotável.

Como considerar então a morte? Como uma amiga, uma inimiga ou como o nada absoluto? Na revista Seleções do Reader's Digest, de Fevereiro de 1952, consta um excerto condensado do livro *The Will to Live* (A vontade de viver), de autoria de Arnold A. Hutschnecker. Este livro, na sua maior parte, foi escrito sob um ângulo científico e ao lê-lo, fiquei profundamente impressionada por tudo quanto esse físico eminente havia declarado. Ele chegou à conclusão de que ninguém passa pela transição da morte sem que antes a tenha planejado.

O que é que planejamos? Viver ou morrer? Sejam vigilantes. Por vezes, esse planejamento ocorre de uma forma muito sutil. Podemos fazer a afirmação com a maior firmeza: "Eu não morrerei nunca", mas será que não a transgridimos quando admitimos que o nosso nome venha a constar de uma lápide num cemitério? Ou quando fazemos um testamento ou um seguro de vida? Não se encontrará a casa de algum de vós devidamente organizada para facilitar a procura de documentos pessoais no caso da sua própria morte? O Dr Hutschnecker afirma o seguinte: "Frequentemente descobrimos que a vítima de um enfarte repentino e imprevisto havia antes consultado o seu advogado para tratar do testamento ou tinha feito recentemente um novo seguro de vida."

Não há muito tempo, eu mesma caí na seguinte armadilha: Pensei que não assistiria a uma nova guerra. Mas de súbito interroguei-me: "O que estás a pensar? Que já não estarás mais viva para assistir a uma nova guerra ou que já não haverá mais nenhuma guerra?" Como a minha vida é planejada por mim, me era impossível admitir que eu pudesse passar pela transição antes que uma nova guerra se declarasse num universo material. Eu devia antes alegrar-me pelo fato de que nenhuma guerra poder existir no reino da consciência divina, onde eu eternamente vivo.

Conheço um caso em que, a despeito da ajuda dada por um devotado praticista, sincero e consagrado, o paciente faleceu. Aos amigos que assistiam ao funeral, a família distribuiu com orgulho uma carta que a defunta havia redigido alguns meses antes. Era verdade que essa carta estava especialmente bem escrita e que exprimia muito bons sentimentos, mas por outro lado, revelava que essa pessoa havia de tal forma baseado os seus pensamentos na idéia da morte, que resolvera escrever uma carta a esse respeito! Todos consideraram que se tratava de uma carta magnífica, exceto eu; tive a convicção de que a paciente poderia ter feito muito melhor uso do seu tempo cooperando com o trabalho do praticista e planejando a vida, ao invés da morte. Por vezes, se fazem as seguintes interrogações: "Que se passa com os praticistas? Porque é que há tantos casos de Cientistas Cristãos que morrem?" Eis aqui a resposta: muitos deles aceitam a idéia da morte.

Começamos já então a planejar viver uma vida plena. Paremos de poupar dinheiro para o deixar como herança aos nossos filhos. Não será essa uma outra forma sutil de planificação? Vivamos o presente e utilizemos os nossos recursos agora, sabendo que o Pai celeste que tanto nos ama suprirá ilimitada e abundantemente tanto às nossas necessidades como as dos

nossos filhos, tal como Ele fazia "antes que houvesse mundo".

Na página 427 do livro *Ciência e Saúde*, a Sra. Eddy descreve a morte como sendo apenas" (...) outra fase do sonho de que a existência possa ser material." (14-15) Como consequência, a morte é o nada, uma ilusão. É apenas uma parte do relato de Adão e Eva, pretendendo tornar verídica a mentira de que o homem possa nascer na matéria, viver na matéria e morrer na matéria; contudo, isso não passa de uma fábula. Podemos relegar todas as fases da vida na matéria para o reino da pura ficção, pois no reino da ficção, a morte, é o nada — não existe. Mesmo aqueles que nesse sonho de existência adâmica imaginaram morrer, serão os primeiros a confirmar que não se passou absolutamente nada.

Há alguns anos, tive o privilégio de participar numa mesa redonda da Universidade de Indiana, a qual decorreu durante a "semana da religião" (Religion in Life Week). No meu grupo de trabalho estavam representadas várias religiões, dentre as quais constava um rabino judeu e um pastor metodista. Quando eu afirmei que Deus desejava a nossa verdadeira felicidade, o rabino opôs-se com veemência, defendendo que existiam períodos nos quais nos sentimos profundamente tristes e infelizes; pensava ele que tal correspondia à vontade de Deus, citando em seguida o seguinte exemplo: Se um homem morresse enquanto participava da construção de um suntuoso edifício, seria decerto uma infelicidade para ele não poder assistir ao final da obra que havia iniciado. "Não teriam os seus amigos e familiares motivo suficiente para se sentirem tristes e infelizes?" Perguntou-nos ele. Quando eu me preparava para responder, o pastor metodista fê-lo por mim: "Não, não estou de acordo. Recuso-me a acreditar que esse homem tivesse deixado de trabalhar na sua obra." Fez-se nesse momento um intervalo e em mais nenhuma ocasião posterior se voltou a discutir esse tema. Fiquei deveras grata pela discussão ter terminado com esta observação. Tínhamos acabado de ouvir uma verdade evangelizadora, que desmascarava a nulidade da morte, anunciando que esta última não impede o homem de continuar a sua atividade anterior.

A Sra. Eddy sublinha que essa transição não traz nenhuma mudança radical na existência do homem e que este pode, inclusive, prosseguir com o seu trabalho. Ao referir-se à morte de Joseph Armstrong, no livro *The First Church of Christ, Scientist and Miscellany*, ela afirma: "O saudoso irmão Cientista Cristão e editor de meus livros, Joseph Armstrong, C.S.D., não está morto, nem tão pouco dorme ou descansa com relação à sua obra na Ciência divina. O mal não tem poder algum para causar dano,

limitar ou destruir o verdadeiro homem espiritual. Hoje, ele goza de maior sabedoria, saúde e felicidade do que no passado. O sonho mortal de vida, substância ou mente na matéria foi atenuado, e a recompensa do bem, a punição pelo mal e o seu sonho adâmico do mal terminarão na harmonia — o mal sendo impotente e Deus, o bem, sendo onipotente e infinito." (pág. 296: 10-20)

Arquivada na Igreja Mãe encontra-se uma carta apelidada "The Riley Letter" — a carta Riley. Trata-se de uma resposta dada a um casal de apelido Riley, o qual havia perdido recentemente um filho. Na carta dirigida à Sra. Eddy, este casal afirmara ter entendido a existência de uma só e única Vida, sem começo nem fim, mas questionava também o que se passaria após o falecimento. Partilhando agora o conteúdo da resposta da Sra. Eddy, não posso precisar os termos exatos, mas posso garantir que o sentido foi inteiramente respeitado, por assim dizer, palavra por palavra: "Suponhamos que enquanto estão duas pessoas sentadas a conversar se aproxima um atirador da janela e lança uma seta para uma delas. Aos olhos da testemunha que assiste, a pessoa atingida deixa-se afundar na cadeira e morre, encontrando-se assim aquele na presença de um cadáver inerte. Contudo, isto não é senão o conceito humano da testemunha acerca do que se passou, que em nada corresponde ao conceito daquele que foi atingido pela flecha, o qual se esforça por continuar a falar com o seu amigo. Logo que chega à conclusão que já não pode mais continuar a comunicar-se com o amigo, valendo-se do conceito humano que tem a respeito de si próprio, ele parte em busca daqueles com quem possa se comunicar. Se ele se voltasse e lançasse um olhar à cadeira sobre a qual estivera sentado, veria então que esta se encontrava vazia." Não nos mostra esta carta com clareza que nada de muito violento se passa na experiência do sonho chamado morte?

Conheço vários casos de Cientistas Cristãos que morreram e voltaram a viver. Dentre esses, escolhi um em especial, o qual confirma o que anteriormente lemos e que proporcionará uma melhor compreensão sobre este tema:

Uma jovem mulher já havia perdido a sua mãe há muitos anos. Nessa Primavera, perdera o seu bebê, e agora, tudo indicava que ela seria a próxima a morrer. Foi então que se sucedeu o seguinte: quando se deu conta de que já não podia falar com aqueles que rodeavam o seu leito, levantou-se e dirigiu-se à janela; então, olhando para o jardim em baixo, viu a sua mãe, aparentando menos idade do que aquela que possuía da última vez que a vira, segurando o seu filho bebê. A jovem desejou muito descer ao encontro da sua mãe e filho, mas nesse

instante, apercebeu-se de que aquilo que estava se passando com ela era o que chamamos "transição". Lembrou-se então de que seu professor tinha-lhe pedido categoricamente que nunca admitisse essa idéia e compreendeu que se descesse ao encontro dos seus entes queridos, isso significaria que ela a consentia. Em seguida, ouviu as palavras do seu professor: "Nunca admitam essa ideia! Nunca!" Ela afirma que a coisa mais difícil que já fez em toda a sua vida, foi voltar-se e regressar à sua cama, mas não deixou por isso de ser obediente àquilo que lhe havia sido ensinado. Voltou assim para a cama e só então aqueles que oravam por ela foram capazes de a fazer regressar à vida.

Farei agora algumas observações acerca destes exemplos e das citações da Sra. Eddy, desejando que se torne cada vez mais clara a verdade de que a morte é totalmente irreal. Na verdade, não se passa nada no processo humano denominado transição e é por isso que não devemos temê-lo.

Ponto 1 - Quem é que alcançou realmente a vitória sobre a morte no último exemplo? Não menosprezando o valor daqueles que faziam o seu trabalho de oração, foi a própria paciente quem se mostrou disposta a querer continuar a viver, recusando-se a consentir na idéia da morte. Não terá sido esse o motivo que tornou possível o sucesso da oração daqueles que a auxiliavam? A jovem não planejou morrer, nem aceitou tal idéia. **Se afirmamos a nossa imortalidade, devemos então regozijarmo-nos por compreendê-la e nos recusar a reconhecer a morte como sendo alguma coisa; se não a planejarmos, nem a consentirmos, não podemos morrer.**

Ponto 2 - Se a pessoa descobre que já não pode mais se comunicar com aqueles com quem estava, procura outros interlocutores e encontra os seus entes queridos que haviam desaparecido antes dela. Cito como referência a este ponto o poema da Sra. Eddy contido no livro Escritos Miscelâneos, na página 385: "The Meeting of My Departed Mother and Husband." ("O encontro dos meus falecidos mãe e marido"); neste poema, chamo a vossa atenção para o tema do reencontro com os entes queridos, pois a Sra. Eddy tomou como certo o fato de que a sua mãe decerto acolheria o seu marido, o Dr. Asa Eddy. Este tema é novamente desenvolvido no livro texto: **"Só há um momento em que é possível aos que vivem na terra comunicarem-se com aqueles a quem chamamos mortos, e esse é o momento que precede a transição — o momento em que o elo entre duas crenças opostas se está rompendo. No vestibulo pelo qual passamos de um sonho a outro, ou quando despertamos do sono terrenal para as grandes verdades da Vida,**

os que se vão podem ouvir as boas-vindas daqueles que se foram antes. Os que se vão podem sussurrar essa visão, pronunciar o nome daquele cuja face lhe sorri e cuja mão lhes acena, como alguém que, diante do Niagara, só tendo olhos para essa maravilha, esquece tudo o mais e expressa em alta voz seu arrebatamento." (pág. 75: 21-6)

Ponto 3 - O homem desperta com o mesmo conceito mortal ou corpo que tinha no momento da transição. A Sra. Eddy desenvolve esta idéia em *Ciência e Saúde*, empregando o seguinte provérbio popular: " 'Como a árvore cai, assim tem que ficar.' Tal como o homem adormece, assim acordará. Tal como a morte encontra o homem mortal, assim ele será depois da morte, até que a provação e o crescimento efetuem a mudança necessária." (pág. 291: 22-26) Esse homem censurou um conceito de um corpo físico depois da morte semelhante aquele que possuía antes e está certamente em contradição com a antiga crença ortodoxa que, afirma que o homem se torna espiritual no instante em que morre.

Atenhamo-nos ao exemplo daquele indivíduo que ao morrer, transportou consigo o seu conceito mortal de corpo. Recordemos agora a forma explícita com que a Sra. Eddy declara na sua carta que, se aquele que parecia morto se tivesse voltado e observado a cadeira sobre a qual estivera sentado, a teria visto vazia. No livro texto, esta conclusão é confirmada na citação seguinte: "Os mortais despertam do sonho da morte com corpos que não são vistos por aqueles que pensam estar sepultando o corpo." (pág. 429:15) Reparem que ela não afirma que estes últimos enterrem o corpo, mas sim que "pensam estar sepultando" o corpo. Mais adiante, falando do corpo depois da morte, diz-nos: " (...) a mente humana ainda mantém, na crença, um corpo por meio do qual age e que para a mente humana parece viver — um corpo como o que tinha antes da morte. Esse corpo é abandonado somente quando a mente mortal e errônea cede a Deus, a Mente imortal, e se verifica que o homem é a Sua imagem." (pág. 187: 30-3) Decerto, a verdade de que no sonho da transição o homem leva consigo o seu conceito humano de corpo acentua a irrealidade da morte. Não deveríamos, então, rejeitar o nosso sentido mortal acerca do corpo atual, regozijando-nos na nossa espiritualidade e imortalidade?

Ponto 4 - Aqueles que já partiram, despertam para o reconhecimento da irrealidade da morte. Em *Ciência e Saúde* lemos: "O pensamento despertará de sua própria declaração material: Estou morto, para ouvir esse toque de clarim da Verdade: Não há morte, não há inação, nem ação mórbida, nem ação excessiva, nem reação." (pág. 427: 34-2) A idéia de que

transportamos conosco o nosso conceito humano de corpo facilita a nossa compreensão de que a morte não existe.

Em Escritos Miscelâneos, a Sra. Eddy declara: "Ao despertar do sonho da morte, aquele que julgava estar morto comprova que se tratou apenas de um sonho e que não morreu." (pág 58: 5-7)

O antecedente põe em evidência um outro fato: o de que uma cura pode ocorrer imediatamente após a "transição". A citação completa é dada em resposta à seguinte pergunta: "Se alguém morreu de tuberculose e já não se recorda de nada acerca da sua enfermidade ou sonho, terá ainda essa enfermidade algum poder sobre ele?" (Escritos Miscelâneos, pág. 58: 1-3) Não, e isso reforça a idéia de que logo que esse alguém entenda que não morreu "compreende que a tuberculose não causou a sua morte. Quando se destrói a crença no poder da moléstia, a moléstia já não pode reaparecer." (pág. 58: 7-10) Não é razoável aceitar que, havendo o homem perdido o medo e a crença na morte, não pode deixar de constatar a irrealidade daquilo que supostamente a causou? Desprovido do medo e da crença na morte e na moléstia, não desejaria realmente o homem ser curado?

Ponto 5 - Para onde foram os entes queridos já falecidos? Não foram para lugar algum. Para onde poderiam eles ter ido? Não temos todos nós o nosso ser na Mente única e não é nela, que "vivemos e nos movemos"? Onde poderíamos nós estar senão no reino da Mente divina? É somente devido a um falso conceito humano que admite que um ente querido pode ser afastado da nossa vista, que parecem existir estados, etapas e níveis de existência capazes de os afastar de nós.

A respeito da morte de Edward A. Kimball, a Sra. Eddy escreve, em Miscellany (pág. 297: 18-24): "O meu querido amigo Edward A. Kimball, cujo ensinamento claro e correto da Ciência Cristã foi e continua a ser uma fonte de inspiração para muitos, está tão vivo agora como estava há um ano atrás, quando aqui me veio visitar. Se de fato pudessemos compreender essa verdade, poderíamos vê-lo aqui e constataríamos que ele nunca havia morrido; esta é a demonstração da verdade fundamental da Ciência Cristã." Começamos desde já a nos alegrar com o fato de não possuímos qualquer concepção errada sobre a vida ilimitada; não aceitemos sequer que o homem seja capaz de morrer e ir para outro local, nem reconheçamos a morte como um sonho ou como uma ilusão; porque sabemos que a morte é totalmente inexistente, elevemo-nos à compreensão e ao reconhecimento de que todos os filhos de Deus, vivem numa única Mente, imortal e perfeita. E por esse motivo que não

precisamos experimentar a dor de uma separação, porque esta não existe.

Uma das crenças que é abandonada após o despertar do sonho da morte é a crença na idade. Depois de se ter alcançado a total convicção de que o nascimento e a morte não existem, é lógico e natural que se demonstre a conseqüente irrealidade da idade.

Ponto 6 - O despertar para a irrealidade da morte é de tal modo inspirador e revelador da imortalidade, que certamente conduzirá a um rápido crescimento espiritual.

No livro A Unidade do Bem, a Sra. Eddy salienta esse ponto na seguinte declaração: "(...) os moribundos — se é que se pode morrer no Senhor — despertam da idéia da morte para uma consciência da Vida em Cristo, com um conhecimento da Verdade e do Amor superior ao que possuíam anteriormente." (pág 2: 24-27) Recordemos que, referindo-se à morte de Joseph Armstrong, a Sra. Eddy descreveu seu fiel seguidor como gozando de maior sabedoria, saúde e felicidade do que anteriormente, pois o sonho mortal de vida já havia sido atenuado. Senti uma enorme inspiração ao ler um artigo de John Randall Dunn sobre o tema da imortalidade, intitulado "The Spring Song of Christian Science" ("O cântico primaveril da Ciência Cristã"). No entanto, depois de ter tomado conhecimento do falecimento do seu autor, foi-me particularmente difícil manter esse pensamento inspirado no trabalho metafísico que eu fazia para os meus pacientes. Resolvi então estudar um artigo do Christian Science Journal; mas antes de o ler, tive o seguinte pensamento: "Será que vou encontrar aqui alguma mensagem para mim da parte do Sr. Dunn?" Ao abrir então a referida publicação, deparei-me com essa maravilhosa mensagem sobre o tema da imortalidade. Para mim, foi tal como se a tivesse ouvido dos seus próprios lábios! Aquelas palavras reconfortaram-me profundamente e o meu pensamento recebeu uma alegria renovada e um maior impulso: "Certamente, o Cientista Cristão que já não vemos, foi elevado a um melhor e mais feliz sentido da realidade." Ao continuar a ler, pude imediatamente sentir que o Sr. Dunn não queria que eu me sentisse afligida por causa da sua partida: "São muitos os homens e as mulheres acobardados pela dor que buscam a Ciência numa tentativa de pôr fim ao intenso egoísmo do desgosto, pois enquanto se acarinha a idéia de perda e de angústia, não pode haver regozijo na liberdade e na harmonia; esse acordar espiritual para além da sua própria visão é inevitável na experiência do Cientista Cristão. Assim, a mensagem pascoal da Ciência Cristã pede aos que sofrem: Regozijai-vos, porque o homem vive e ama, e ele ignora a tristeza e a separação."

Mas será então necessário passar pelo sonho da morte para se ser curado, para se alcançar a compreensão de que a morte não existe, para se crescer espiritualmente e para se demonstrar que não existe idade? Não, de forma alguma. A Ciência Cristã ensina de um modo tão claro e infalível sobre a imortalidade do homem que não nós é necessário morrer para podermos demonstrá-la. Sabemos neste exato momento quem somos, para que o Cristo, a Verdade, seja glorificado. Sabemos quem somos e sabemos também qual é a verdadeira realidade; sabemos, sem sombra de dúvida, que nunca tendo nascido, somos espirituais e perfeitos, não podendo nunca vir a morrer. Temos igual consciência da impossibilidade absoluta da morte, devido à sua completa inexistência. Somos agora os filhos e as filhas do Rei, possuindo já um perfeito estado de ser, de pensar e de demonstrar; e não nos é necessário morrer para descobrirmos ou demonstrarmos esse fato.

Uma das mais poderosas verdades para o estabelecimento da irrealidade da morte é o fato de que Deus, a única Vida divina e eterna, desconhece em absoluto tudo o que com esta se relacione. A doutrina ortodoxa antiga defende que Deus tem conhecimento de muitas coisas relacionadas com a morte e muitos dos Cientistas Cristãos não estão suficientemente esclarecidos ou confiantes para refutarem essa doutrina. A maioria dos sermões fúnebres antigos continha a seguinte declaração: "Deus a concedeu, Deus a tomou." Jamais se pronunciou uma tão grande mentira como essa de que Deus leva os Seus filhos pela morte.

Um grande Cientista Cristão, com quem me relacionei bastante, disse-me uma vez: "Quando chegar a hora de eu partir, logo que Deus queira me levar, estarei preparado." Tal atitude implicaria que Deus tivesse conhecimento de que existe algo chamado morte. Essa crença está de tal forma enraizada no pensamento de algumas pessoas, que as impede de rejeitar a idéia da morte e de aceitar a verdadeira idéia da Vida eterna. A crença generalizada diz: "Só podemos tomar duas coisas como certas: a morte e os impostos." Apenas quando se abandonar essa crença e se começar assim a reconhecer o fato de que Deus desconhece a morte, só a partir desse momento será possível começar a vencer a morte. Por ocasião da crucificação de Jesus, os doutores da lei e os fariseus procuraram provar que a crença no mal, e em particular na morte, era real. Quando se deu a ressurreição, Jesus certamente reconheceu que Deus, seu Pai-Mãe e Princípio celestial, desconhecia por completo a morte. Tomou consciência somente da sua coexistência com esse Princípio divino, negando assim todas as experiências relatadas

anteriormente. Não há dúvida que foi essa compreensão que lhe permitiu sair do túmulo e demonstrar assim o seu domínio sobre aquilo que se apelidou de morte.

Nunca é da vontade de Deus que alguém morra. Em Ezequiel lemos: "Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus. Portanto convertei-vos e vivei." (18:32) Além de não desejar a morte, Deus não possui qualquer conhecimento sobre esta. E como o poderia possuir, Ele que é a Vida eterna? Como poderia a luz ter conhecimento das trevas ou o bem do mal?

Frequentemente, ouvimos dizer: "Como se pode afirmar que a morte não existe, se eu já assisti à morte de várias pessoas? De fato, todos vamos ter que morrer alguma vez." Visto que a maior parte das pessoas afirma conhecer bem a morte, pagam depois o preço desse falso conhecimento, cavando a sua própria sepultura. Consideremos os fatos espirituais: Enoque andava com Deus. Ele reconhecia a simples verdade de que o seu Criador nada conhecia acerca da morte e vivia a sua união com Deus, sendo por, fim elevado de forma a não passar pela morte; Eliseu sabia que o seu Criador desconhecia a morte e unia o seu pensamento à Mente divina, a qual ignora a morte.

Também ele triunfou, provando que o conhecimento da Vida eterna o libertou da crença na morte; Cristo Jesus sabia que Deus desconhecia a existência da morte. Declarou ele que "todo o que (...) crê em mim, não morrerá, eternamente." (João 11:26) E acrescentou ainda: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3) Se por algum momento, Jesus tivesse acreditado que o seu Criador conhecia a morte, então ele próprio, por reflexo, a teria conhecido e nunca teria podido demonstrar a ressurreição.

Diante do túmulo de Lázaro, Jesus reconheceu que Deus nunca levara o seu amigo; reconheceu que Deus nunca tomara conhecimento daquilo que os mortais apelidavam a morte de Lázaro, e reconheceu também que o seu Criador celestial, a sua Mente divina, era tão dinâmico na Sua presença, na Sua força e glória que na sua Consciência não poderia existir qualquer conhecimento de morte. Foi por essa razão que Jesus ordenou ao povo ali presente que "desatassem" Lázaro e o "deixassem ir". Afirmou a Marta que ali mesmo não existia absolutamente mais nada do que o reconhecimento da Vida. Como consequência, Lázaro saiu livre do túmulo.

Quando estive em casa de Jairo, Jesus deteve-se numa

antecâmara na presença daqueles que manifestavam ter conhecimento da morte e do seu aparente poder. Aí, o Mestre viu claramente que o eterno Criador não possuía qualquer conhecimento da morte, ou de qualquer espécie de fim. Assim, ele pôde entrar no quarto e ordenar: "Talita cumi", que significa: "Menina, eu te mando, levanta-te." (Marcos 6:41) Ele compreendia que não existia nenhuma idéia de morte, nem nenhum de seus efeitos nefastos.

Se Deus nada conhece sobre o tema da morte, então é fácil concluir que Ele desconhece igualmente os vários estados e níveis de consciência. **A Vida eterna não pensa no homem passando de um estado ou nível de consciência para outro.**

No que diz respeito a Deus, a Vida eterna, o homem habita naquela compreensão divina que a tudo governa, e não possui qualquer outra consciência. A Mente divina e eterna ignora o acaso ou a mudança. Por vezes, os Cientistas Cristãos aceitam a seguinte idéia: "Bem, é certo que não existe morte e por isso, continuamos a viver eternamente; mas Deus retira-nos deste estado ou nível de consciência e leva-nos para outro." Esta noção implicaria que Deus tivesse conhecimento daquilo a que se chama morte ou "transição". Se a aceitarmos, não poderemos, evidentemente, demonstrar a Vida eterna como Enoque, Elias e Jesus o fizeram. **A Vida eterna não conhece a morte, nem a "transição", nem a mudança. Por isso, podemos nos libertar da crença e do medo ridículo de que todos morreremos um dia.**

Todos nós deveríamos afirmar em alta voz que "Deus, a minha Vida eterna, nada conhece sobre a morte." Sendo a Sua imagem e semelhança, o homem não pode ter conhecimento de nada que se relacione com a morte. Deus conhece apenas o maravilhoso desdobramento do Bem, sem qualquer sugestão de declínio. Reconheçamos a nossa unidade com essa Vida eterna que desconhece totalmente a morte, essa Verdade eterna que ignora o mínimo erro e essa Mente divina que não admite o menor mal.

Mas se não passamos pela "transição", como se processa então a nossa evolução? Estejamos alertas, pois esta questão é uma armadilha disfarçada. Nem sequer se imagina o número de Cientistas Cristãos que admitem voluntariamente a idéia de que um dia experimentarão um crescimento ou elevação através da morte. Frequentemente, estes se sentem um pouco culpados por reivindicarem o bem para eles mesmos e julgam que essa ideia é científica, aceitando mediante uma atitude tímida, apagada e confusa, que um dia evoluirão. Tornam-se um pouco mais

confiantes, mais seguros e talvez até um pouco mais exuberantes quando cantam o seguinte verso do Hino 64 do Hinário da Ciência Cristã: "A senda do sentido à Alma vejo," julgando com essa frase justificar a sua atitude.

Regressando à citação inicial, — Miscellany, pág.2 42 — como pode aquilo que é imortal progredir? Para onde se elevaria o homem? Como pode aquilo que já se encontra no ponto da perfeição — e não em vias de se aproximar desse mesmo ponto — elevar-se ainda mais? Apenas aceitando a crença de que o homem é mortal, é que podemos admitir alguma possibilidade de ascensão. O mortal espera, eventualmente, elevar-se até à imortalidade, mas este não é um enunciado científico. Devemos, pelo contrário, reivindicar agora a nossa imortalidade. Como poderemos então regozijarmo-nos na compreensão de que somos imortais e, ao mesmo tempo, esperar evoluir da mortalidade para a imortalidade? Recordemos que nunca deixamos o céu pela terra! Nunca nos tornamos mortais, nem nos materializamos, pois jamais nascemos na matéria.

A Sra. Eddy sublinha no livro Não e Sim : "Jesus veio anunciando a Verdade e dizendo não somente 'o reino de Deus está no meio de vós.' Logo não há pecado, pois o reino de Deus está em toda parte e é supremo, e segue-se que o reino humano não está em parte alguma, e deve ser irreal." (pág. 35: 25-29) Logo a seguir, vem uma das mais significativas declarações acerca de nosso Mestre: "O ser consciente e verdadeiro de Jesus nunca deixou o céu pela terra. Permaneceu no alto para sempre, mesmo quando os mortais acreditavam que estava aqui. Uma vez falou de si próprio (João 3:13) como sendo "o Filho do homem que está no céu", — palavras notáveis, inteiramente contrárias às opiniões populares sobre a natureza de Jesus." Também nós somos os filhos de Deus, imortais, habitando para sempre no reino celestial de Deus. Não podemos decair desse único estado de existência, nem a ele nos elevarmos, pois nele vivemos, agora; e é esse estado de existência que reivindicamos, compreendemos e com o qual nos regozijamos.

Um dos relatos que deveríamos ter sempre presente no pensamento é o da transfiguração de Jesus: levando consigo a Pedro, Tiago e João, Jesus subiu a um alto monte e aí foi transfigurado na presença daqueles: "o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Então disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui." (Mateus 17: 2-5) Fazendo eco das palavras de Pedro, afirmemos também: "Senhor, bom é estarmos aqui." E onde estamos nós? Estamos igualmente no cimo do monte da compreensão divina; vimos a

Jesus, Moisés e Elias e na Ciência, vimos o homem perfeito: jamais nascido e incapaz de morrer, mas sempre semelhante ao filho de Deus; podemos igualmente escutar a voz de Deus, falando conosco como falava aos discípulos daquele tempo: "Este é o meu filho amado, em quem me comprazo." (Mateus 3:18) A luz da verdade revelou-nos que esta declaração é válida não somente para Jesus, mas também para Moisés, para Elias e para todos os filhos de Deus. Permanecendo no cimo do monte com Pedro, Moisés, Elias e Jesus, é bem menos difícil ver o nosso próximo, sem exceção, como o filho bem-amado de Deus, perfeito e imortal. Tomemos agora a decisão de permanecer no cimo do monte da compreensão e revelação divinas. Não renunciemos nunca à nossa resolução de ver o nosso próximo e todo o universo nesse mesmo local, em companhia dos imortais Moisés, Elias e Jesus. Veremos então o universo e conheceremos o homem como Deus os vê: imortais e perfeitos. Não será essa a forma de trazer a imortalidade à luz?

Todos os dias, eu me coloco as questões que vou agora enunciar e em seguida responder. Quando nelas meditarem, respondam como se fossem jurados num tribunal, obrigados sob juramento a dizer a verdade:

Quando é que foram para a Rússia? Quanto tempo viveram sob as leis e os regulamentos russos? Quantas injustiças e afrontas sofreram durante esse tempo? Que tipo de impostos e multas suplementares foram obrigados a pagar na Rússia? Quantos dias infelizes, repletos de desânimo e de medo aí passaram? Quando é que decidirão abandoná-la?

Não é evidente por si mesmo que, se alguém nunca esteve na Rússia não pode aí ter sofrido, tal como não se pode abandonar um local onde nunca se esteve? Respondamos então agora às seguintes questões com o mesmo parecer positivo e com a mesma certeza científica:

Quando é que entraram no reino da matéria, ou por outras palavras, quando é que nasceram? Quanto tempo viveram sob o controle das leis e regulamentos materiais? Com que frequência transgrediram as leis materiais? Quantas dores e sofrimentos sofreram na matéria? Quantos dias infelizes, cheios de medo e de desalento, viveram no reino da matéria? Quando pensam "apanhar um comboio", por exemplo, e efetuar a "transição" ou morrer na matéria? Quando pensam "apanhar um avião", por exemplo, e elevarem-se acima da matéria?

Desta forma, não vos parece lógico que, nunca tendo vivido na matéria, seja impossível nela pecar ou sofrer? O homem não

pode estar agitado, atormentado ou preocupado na matéria; não pode morrer na matéria ou efetuar a "transição", tal como não se pode elevar acima de algo de onde nunca foi oriundo.

Tenho um apreço especial por este pequeno exercício mental, pois torna-se assim bem mais fácil compreender que, visto eu nunca ter entrado na Rússia, não posso aí ser penalizada ou mesmo daí sair. Da mesma forma, é igualmente mais fácil compreender que, nunca tendo nascido na matéria ou na mortalidade, não podemos ser nela castigados, tal como não a podemos abandonar.

Tendo-nos tornado obedientes às duas primeiras recomendações do nosso texto inicial — nomeadamente, a de reivindicar a nossa imortalidade e a de a compreendermos — é agora mais fácil ser obediente à terceira recomendação: a de praticarmos a Ciência Cristã a partir do ponto da perfeição. De que modo foi científica a Sra. Eddy ao praticar a Ciência unicamente a partir do ponto de perfeição! Conforme já foi citado antes, ela declara: "A Ciência Cristã é absoluta; ela não está aquém nem além do ponto da perfeição, mas encontra-se exatamente nesse ponto e é a partir daí que deve ser praticada." (My. pág. 242: 5-7) É espantosa a forma como a Sra. Eddy inclui nessa importante declaração a reivindicação da imortalidade e a argumentação a partir do ponto da perfeição. A bem dizer, as duas idéias andam a par e passo; é por ser o homem imortal, que se justifica a sua perfeição e é igualmente a sua imortalidade que lhe confere o direito de reivindicar, argumentar e testemunhar unicamente a perfeição. Por outro lado, como o homem reivindica a sua perfeição e procura viver "a vida que se aproxima do bem supremo", reconhece a sua própria identidade verdadeira e, como consequência, compreende a sua imortalidade.

Como diz o nosso livro texto, numa das suas maravilhosas afirmações: "A Ciência do ser fornece a regra da perfeição e traz a imortalidade à luz." (pág. 336: 27-28) Vamos agora tentar demonstrar a regra da perfeição que a Ciência nos fornece e assim experimentar a recompensa total de uma maior inspiração e iluminação da nossa imortalidade. Suponhamos que eu vos colocava a todos no banco das testemunhas; em seguida, pedia que respondessem somente de acordo com a mais absoluta verdade a vosso respeito. O vosso testemunho deveria então ser o testemunho que Deus fornece a respeito de cada um de vós. Recordo-vos agora, antes de dar início aos vossos testemunhos, que apenas pratica a Ciência Cristã quem declara a verdade absoluta; lembro-vos igualmente, que ao declarar os fatos científicos a vosso respeito, estareis a obedecer à ordem de

nossa líder; e recordo-vos ainda que, ao testemunhar dessa forma, trareis a imortalidade à luz na vossa própria existência, bem como na de outros.

Sentem-se algo constrangidos, algo culpados ou hipócritas ao reivindicar a total perfeição para vós mesmos? Pois não recuem um passo na argumentação que visa a perfeição. Recordem-se que não estão em vias de alcançar a perfeição, nem alguém da mesma, mas estão agora mesmo no ponto exato dessa perfeição. De novo, na página 242 de Miscellany a Sra. Eddy chama a nossa atenção para o fato de que devemos tomar uma posição radical a favor da perfeição, ao afirmar: "A menos que se compreenda perfeitamente o fato de se ser um filho de Deus, e como tal, perfeito, não existe Princípio algum a demonstrar, nem qualquer regra que o permita fazer." (8-10) Compreendendo que não somos desonestos ao testemunhar dessa forma e que não há qualquer hipocrisia ao declarar a verdade a respeito do homem imortal de Deus, nem sequer admitiremos a hipótese de responder de outra forma. Avancemos então para a questão seguinte:

1a Questão - Tomaram plena consciência de que a vossa resposta deve ser absoluta, sem quaisquer compromissos ou restrições? Entenderam agora que tipo de testemunho devem apresentar?

"Ah, sim, sou realmente perfeito, embora esse não pareça ser bem o caso"; "sim, sou um dos melhores Cientistas Cristãos do mundo, mas nem sempre sou capaz de o demonstrar"; "sim, eu sei que sou realmente perfeito, mas tenho ainda que o demonstrar"; "sem dúvida, sou o filho imortal de Deus, e por isso, perfeito, mas desejava compreender e experimentar melhor esse fato"; "sou um dos homens mais honestos do mundo, mas ninguém pensa desse modo a meu respeito"; "a minha família é perfeita, mas temos uma vizinhança terrível." "Eu sou perfeito, mas quanto a alguns membros da Igreja..." e etc., etc., etc. Já repararam que cada vez que se associa a palavra mas a uma declaração da verdade, o que se segue é uma afirmação que compromete essa verdade? E o que sucede com a nossa demonstração da verdade, se afirmamos: "Sim, sou o filho perfeito de Deus, mas desejava poder assemelhar-me mais a Ele"? Não estaremos assim a fechar a porta à tão desejada manifestação da perfeição? Nos meus próprios esforços para manter uma argumentação unicamente a partir do ponto da perfeição, encontrei um grande auxílio num artigo publicado no Christian Science Journal. Quando o artigo foi publicado, foi de tal forma bem acolhido pelos leitores, que quando escrevi para Boston na tentativa de obter uma cópia suplementar da referida

publicação, responderam-me que esta já tinha esgotado. Era evidente que eu não havia sido a única a apreciar a leitura positiva e absoluta que esse artigo apresentava de fundo. O seu título era: "Aceitar a demonstração" e foi escrito por Margaret Morrison, sendo publicado no Journal de Fevereiro de 1947. Nesse artigo, a Sra. Morrison salienta que a verdadeira demonstração é espiritual e mental, o que corresponde àquilo que estivemos desenvolvendo neste estudo. Toda manifestação que possa ocorrer na nossa experiência humana como resultado da demonstração da Verdade é um acréscimo. Em outras palavras, o regozijo por um Deus perfeito, um universo perfeito e um homem perfeito é demonstração! A atividade certa que surge no nosso caminho, a cura de um problema físico, a descoberta de uma casa onde morar e a manifestação de suprimento são as "coisas" que nos são "acrescentadas". É maravilhosa esta forma de chamar a atenção para o fato de que, se rendermos testemunho fiel àquilo que é de fato verdadeiro, deixamos a porta aberta a essas coisas que nos são "acrescentadas".

Assim, se acrescentarmos à nossa demonstração da verdade a adversativa mas, seguida de um pensamento negativo, fecharemos a porta às coisas "acrescentadas". É evidente que essas coisas "acrescentadas", que "descem do Pai das luzes" tornam mais agradável a nossa existência; então, porque não deixar a porta de entrada aberta para que essas coisas possam afluir em abundância na nossa vida quotidiana, testemunhando com firmeza unicamente a Verdade, sem nenhuma outra concessão do tipo se, mas ou talvez?!

A tentativa de encontrar o testemunho da matéria é outra forma de fechar a porta a essas coisas que do alto nos são dadas. Se alguém afirma que Deus é a saúde do seu rosto, que esta se revela em beleza e que é o reflexo perfeito de um Deus perfeito e em seguida procura ver no espelho se a Verdade curou a sua palidez, então essa pessoa não tem certamente o seu olhar fixo unicamente no Espírito; esse alguém está prestes a demonstrar antes uma dualidade, tentando utilizar o Espírito para curar a matéria, observando a carne para concluir se esta foi curada.

Aquele que argumenta com firmeza a partir do ponto de vista da perfeição reivindica a seu respeito todas as verdades maravilhosas, gloriosas e espirituais; em seguida, ele faz face à realidade que lhe diz respeito e verifica que as verdades se transformaram em realidades agora que compreende ser a imagem e semelhança perfeita, pura e santa de Deus pode erguer o seu rosto sem mácula. Não existe outra solução; não existe matéria na qual possa ocorrer uma manifestação; não existe mente mortal para dar conta de uma determinada

situação; não existe sentido material para testemunhar a aparência do homem. Regozijemo-nos agora com estas verdades, não através de uma débil tentativa de aplicarmos, mas sim através da sua demonstração.

Há alguns anos, foi publicado no Sentinel um testemunho maravilhoso, relatando o exemplo de uma pessoa que reivindicou a sua perfeição e por conseguinte, a evidência dessa perfeição espiritual: Uma mulher foi vítima de um acidente de automóvel. O automóvel no qual circulava sofreu um choque de tal modo violento que ela foi projetada para a estrada, sendo em seguida atropelada por um caminhão.

Quando foi socorrida, informaram-na de que nunca voltaria a caminhar, e no entanto, uma semana depois, essa mulher já andava normalmente. O fato de ter voltado a caminhar tão rapidamente foi uma demonstração? Não, de forma alguma. Ter voltado a caminhar foi apenas uma das "coisas acrescentadas". A demonstração encontra-se nas suas seguintes palavras: "A cura não vem alterar nada; é o simples resultado de olhar a realidade de frente." Assim, ela recusou-se a aceitar um corpo físico marcado e uma imagem de si mesma como tentando utilizar a Ciência para curar esse corpo; ao invés, ela argumentou, reivindicou e regozijou-se com determinação na Verdade. Jamais deixou de se declarar do lado da Verdade, não aceitando nunca a crença num acidente ou num corpo ferido. Não havia lugar para os ses ou mas no seu testemunho. Ela fixava o seu olhar unicamente na evidência dada por Deus de que era a Sua imagem e semelhança perfeitas. Conservando a porta tão amplamente aberta a uma compreensão firme a partir do ponto da perfeição, essa mulher não poderia fazer outra coisa senão voltar a caminhar.

Uma jovem que vive noutra estado, pediu-me que eu a ajudasse acerca do seu trabalho, pois nada parecia correto no que dizia respeito à sua situação presente: o local onde trabalhava era extremamente quente e sujo; as pessoas com quem trabalhava estavam sempre de mau-humor e mostravam-se pouco cooperantes; o horário era alargado e o salário restrito; a empresa situava-se num bairro da cidade que essa jovem receava atravessar e o seu patrão tinha um comportamento e uma linguagem grosseiros. Inverti cada erro e falei-lhe de cada verdade espiritual a seu respeito; especifiquei que Deus era o seu único empregador e pedi-lhe que se regozijasse na Sua perfeição, majestade, dignidade, beleza e justiça. Visto essa jovem ter a sua vida, a sua atividade e o seu ser em Deus, era-lhe totalmente impossível encontrar-se num local desagradável ou perigoso. Habitando na atmosfera da Alma, o meio que a

rodeava não poderia nunca ser quente, nem desconfortável, mas sempre belo e harmonioso. Além do mais, ela não trabalhava na companhia de outros mortais acabrunhados, e sim com os filhos de Deus, cooperantes, amorosos e imortais.

E Deus recompensa os Seus filhos de uma forma ilimitada e sem restrições, na medida em que a Ele nos consagramos. Contudo, quando ela me voltou a escrever, essa jovem reafirmou que a situação não se modificara e descreveu de novo todas as condições difíceis e desfavoráveis relativas ao seu trabalho. Seguiu-se uma troca de correspondência, na qual as minhas cartas continuavam a testemunhar somente a partir do ponto de vista da perfeição, enquanto as suas descreviam o relato duvidoso de um testemunho material. Finalmente, ela escreveu-me a dizer que esperava que a demonstração fosse alcançada e eu então respondi-lhe que a minha já havia sido: sabia quem ela era, onde trabalhava, quem era o seu empregador, com quem trabalhava, qual era o seu ganho, etc., etc. Perguntei-lhe também se acaso não desejava escrever-me uma carta do mesmo tipo que eu lhe havia enviado, na qual fixasse o seu olhar somente na Verdade espiritual a seu respeito, comunicando-me tudo quanto Deus sabia sobre ela. Mas quando recebi a sua resposta, esta em nada correspondia ao sentido que eu lhe sugerira: ela afirmava que o trabalho fora de tal forma penoso que se vira obrigada a abandoná-lo. Naquele momento, era-lhe impossível escrever a carta que eu desejara receber em vez do relato de fatos tão desagradáveis, mas isto não me impediu de continuar a ser paciente e amorosa: mas um dia, cerca de uma semana depois, eu recebi a carta que pedira, com treze páginas, escritas de ambos os lados. Nela, a jovem explicava que ao começar a escrever as verdades a seu respeito, as palavras tinham afluído, deixando-a emocionada. De fato, a carta era muito bela e revelava uma precisão absoluta na expressão de um sentido científico de emprego. Não restavam dúvidas de que, ao redigi-la, ela havia fixado o seu olhar no Espírito e tinha testemunhado apenas a partir do ponto da perfeição. Dois dias mais tarde, recebi uma outra carta dessa jovem, na qual ela me anunciava que havia encontrado um trabalho verdadeiramente maravilhoso da forma mais inesperada. Cada aspecto da sua nova situação profissional estava de acordo com o testemunho que ela antes havia dado relativamente ao seu verdadeiro emprego. Constituiu o novo emprego a demonstração neste caso? Claro que não.

Foi simplesmente a "coisa acrescentada," a qual não pode deixar de acontecer quando realmente se demonstra na consciência a verdade sobre a situação. A carta contendo o testemunho completo a partir do ponto de vista da perfeição foi a verdadeira demonstração.

No nosso testemunho a partir do ponto da perfeição, podemos proporcionar uma maior abertura à porta das "coisas acrescentadas" se acompanharmos a nossa declaração da perfeição com a afirmação de que "eu conheço, compreendo, aceito, reconheço, aprecio, demonstro e me alegro com essa perfeição." E cada um obtém a perfeita demonstração. Este tipo de testemunho não proporciona qualquer ocasião para que mas ou ses negativos se intrometam no nosso pensamento.

Antes de abandonar este assunto, gostaria ainda de fazer algumas observações sobre a excelente professora que foi a nossa líder, a Sra. Eddy. Naquela pequena frase contida em Miscellany (pág. 242) ela indicou-nos exatamente como praticar a Ciência Cristã. De fato, essa frase oferece-nos a possibilidade de utilizarmos a verdade sempre que se apresente um problema por resolver nas nossas vidas. Seguindo as suas diretrizes, encontramos a seguinte declaração: "Por estas palavras não pretendo afirmar que os mortais sejam filhos de Deus, bem pelo contrário." (10-12) Não será esta afirmação um desafio? Que faremos depois de a ler? Deixar-nos-emos cair preguiçosamente numa cadeira, dizendo: "Pois bem, eu não passo de um mortal, portanto nada disto me diz respeito?" Depois de termos tomado conhecimento de que a Sra. Eddy nos pede para reivindicarmos a nossa imortalidade, não podemos tomar uma atitude dessas. Todavia, podemos ser levados a crer que nós próprios somos de fato imortais, mas que alguns dos nossos vizinhos, certos membros da Igreja ou outras pessoas do nosso meio profissional são apenas mortais. Não aceitemos esta idéia errada, pois de outra forma não poderemos argumentar a partir do ponto da perfeição.

Em nenhuma parte do nosso universo pode existir imperfeição. É maravilhoso podermos chegar rapidamente à conclusão de que, sendo Deus o único Criador, não pode haver algo como um mortal. Mas certamente concordamos com a Sra. Eddy, pois ela nunca quis dizer que uma invenção enganosa, mortal e material a respeito do homem pudesse ser o filho de Deus.

Devemos sentir-nos gratos por sabermos e compreendermos que não pode existir tal invenção enganosa e material a respeito do homem, pela simples razão de que não existe mortalidade para a exprimir.

Sabemos também que a Sra. Eddy queria que chegássemos a essa conclusão, pois ela afirma na continuação da frase acima citada: "Na prática da Ciência Cristã, devemos enunciar corretamente o seu Princípio, se não nos quisermos privar do

poder de demonstrá-la."

Recordemo-nos da resposta que o meu Professor deu; quando eu comparei a minha existência à do hindu: ele afirmou que ambas não representavam mais do que sonhos. Ouvimos muitas vezes dizer que a mortalidade é um sonho; talvez por isso, muitos Cientistas Cristãos sejam levados a aprovar conscientemente o fato de serem neste mesmo momento os filhos imortais de Deus, mas (e aqui temos de novo este tão nocivo mas) vivendo um sonho de vida na matéria. Acreditam igualmente que um dia se elevarão até à nulidade e irreabilidade desse sonho e que nessa altura gozarão a verdadeira espiritualidade e imortalidade. A maioria associa o despertar deste sonho à sua própria morte. Não será então ridículo continuar a sonhar? Não será absurdo remeter para o futuro o despertar desse sonho? E incluirá o despertar desse sonho um acordar de um outro sonho — o sonho da morte?

O hino no 412 anuncia: "Ó sonhador, desperta do teu sonho, ó tu cativo, te ergue livre e são. O Cristo rasga o denso véu do erro e vem abrir as portas da prisão." As promessas de cura e libertação são muito inspirativas. Mas para além da sua beleza e inspiração, este hino inclui uma ordem específica para cada um de nós: "Vem dar-te alegria, em vez de pena, Beleza, em vez de cinzas da ilusão." E nesta ordem nada nos sugere que deixemos para depois o abandono dos nossos sonhos e ilusões; pelo contrário, nos é garantido que o Cristo está agora em ação, "rasgando o denso véu do erro" e "abrindo as portas da prisão."

Recentemente, vivi uma experiência que me mostrou a importância de abandonar imediatamente um sonho. Sonhei que me encontrava no último andar de um prédio com dois andares. Espreitando pela janela, vi um menino a brincar no topo de uma árvore; enquanto o observava, o ramo ao qual ele se segurava começou a balançar, embora estivesse ainda preso à árvore. O menino agarrava-se desesperadamente ao ramo, que oscilava para trás e para a frente. Então, abri a janela, debrucei-me e gritei: "Não tenhas medo! Não podes cair, porque estás seguro nos braços do Amor divino. Deus ama-te, é Ele quem te sustenta e protege, por isso não podes cair." Assim que acabei de afirmar estas reconfortantes verdades, o ramo desprende-se da árvore e caiu, arrastando o menino para o chão. Desci então as escadas a correr, para ver que tipo de ajuda eu poderia prestar e fiquei bastante abalada ao ver o estado em que ele se encontrava. Mas nessa altura reagi. Oh, como eu estava grata por saber que essa experiência não era verdadeira! Agradei a Deus por tudo não ter passado de um sonho e preparei-me para voltar a dormir.

Mas não conseguia adormecer; continuava a ver as imagens do

menino agarrado ao ramo, quase a cair. Teria preferido que ele não tivesse trepado tão alto e sentia-me preocupada com os ferimentos resultantes da queda. Finalmente, acabei por me dar conta de que eu me interrogava acerca do porquê da Ciência Cristã não o ter impedido de cair. Foi então que compreendi o que estava a fazer. Afinal., eu ainda não acordara do sonho! Eu tinha-o reconhecido como um sonho, mas isso não havia sido suficiente, pois tinha ainda que o esquecer. Estava preocupada com algo que nunca tinha sucedido e ressentida com a queda de um ramo que nunca se partira. Não, não era suficiente ver apenas essa experiência como aquilo que ela parecia ser — um sonho. Era necessário ir mais além na minha forma de pensar e ver essa imagem como o nada, absolutamente inexistente, e só então esquecê-la como tal. Assim, alegrei-me por não existir sonho, visto não existir mente mortal para viver esse sonho. Só então adormeci.

Na manhã seguinte, tentei tirar algumas conclusões sobre o que tinha sucedido. Ao longo do nosso estudo na Ciência Cristã, aprendemos a reconhecer os problemas como irrealis. Chamamos à carência, à doença, à morte, a um acidente, etc., um erro, uma ilusão, um sonho, mesmerismo; mas será que os encaramos dessa forma? Não continuaremos a pensar nesse problema, tentando descobrir aquilo que o causou?

Será que não nos inquietamos, elaborando hipóteses sobre aquilo que os outros dele possam pensar? E por vezes, não sentiremos uma espécie de culpa, ao indagarmos-nos o porquê da Ciência Cristã não ter efetuado a cura?

Ao tratar-se de problemas físicos, para acordar do sonho a Sra. Eddy aconselha-nos a volver o nosso olhar do corpo e a concentrar toda a nossa atenção na Verdade e no Amor. Recordam-se da experiência da senhora que sofreu um grave acidente de automóvel e foi atropelada por um caminhão? Ela acordou do seu sonho vendo apenas a realidade. Aquele que nega o erro e fixa o seu olhar somente no testemunho de Deus, não argumentando senão a partir do ponto da perfeição, não pode deixar de despertar do sonho.

A simples verdade de que não existe mente mortal para sonhar é uma das mais significativas e poderosas verdades para nos ajudar a sair do sonho e a despertar para a realidade. A propósito, de onde se origina o sonho? Dizemos que é um produto da mente mortal; mas o que é a mente mortal? Sendo Deus a única Mente, pode existir uma outra? Muitas e muitas vezes ouvimos e lemos que Deus é a única Mente, sendo a seguinte afirmação contida na Exposição Científica do Ser

aquela utilizada com mais frequência: "Tudo é Mente infinita e Sua manifestação infinita, porque Deus é Tudo-em-tudo." (C&S, pág. 468:10-11) Muitas e muitas vezes nos ensinaram que, sendo Deus a única Mente, não pode existir nenhuma outra, portanto não pode existir mente mortal. A minha passagem preferida naquilo que concerne a não-existência da mente mortal encontra-se no nosso livro texto: "Falando cientificamente, não há mente mortal da qual se possam fazer crenças materiais, que se originem da ilusão." (pág. 399: 25-26) Assim, a conclusão mais lógica e mais razoável a que podemos chegar é que, devido a não existir uma mente mortal que sonha, não pode existir sonho. Como devemos então agir quanto ao sonho de mortalidade? Não há mais verdade no fato de que somos mortais do que no sonho do menino a cair da árvore; não há mais verdade no sonho que afirma podermos ser sancionados no seio da mortalidade do que no sonho do menino a cair da árvore; não há mais verdade no sonho que afirma termos estagnado na aplicação da Ciência Cristã do que no sonho do menino a cair da árvore. Consideram-se então satisfeitos por considerar a mortalidade como um sonho e por continuar a viver no seio dessa mortalidade? É evidente que não. Acordemos então do sonho para um alegre despertar. Além do mais, é mais fácil despertar do sonho depois de sabermos que não existe mente mortal para o sonhar. O nosso alegre despertar resume-se na experiência gloriosa da imortalidade trazida à luz na nossa consciência individual. Encaremos então a realidade da imortalidade de frente, regozijemo-nos com ela e vivamo-la!

No entanto, existe quem considere que somos realmente imortais, mas que o homem está mesmerizado ou hipnotizado pela crença do nascimento na matéria, de uma existência material e de uma morte ou elevação para além da matéria. Mas como poderá existir mesmerismo ou hipnotismo se não existe uma mente mortal para ser mesmerizada ou hipnotizada?

Aprendemos no Manual a defendermo-nos diariamente contra a sugestão mental agressiva. Mas que sugestão mental agressiva existe senão a de uma vida separada de Deus? Que mais podemos negar senão o erro de uma história material? Como já foi referido, se o anjo do Apocalipse tivesse que se apoiar somente num pé, ele escolheria o pé direito, apoiado sobre a sugestão da crença sutil de que o homem tenha algum dia podido passar pela experiência do nascimento humano. A forma mais segura e mais correta de destruir toda crença mesmérica é o reconhecimento e a compreensão de que existe uma só Mente, Deus, e que esta Mente infinita é a minha e a vossa Mente, a Mente de todo o universo. Então onde se encontra uma mente mortal passível de ser mesmerizada? A Sra. Eddy diz-nos claramente em todos os seus escritos que a forma mais correta

de destruir a sugestão hipnótica consiste na aplicação da verdade de que Deus é a única Mente e que não existe qualquer outra. Quando a Sra. Eddy considerou que havia chegado a hora de estabelecer uma segunda Igreja em Nova Iorque, ela encarregou sua fiel seguidora, Laura Lathrop, dessa missão.

Devido à resistência das pessoas que defendiam que não deveria existir uma segunda Igreja naquela cidade, alguns amigos da Sra. Lathrop rezearam que, ao respeitar a ordem da Sra. Eddy, ela pudesse ser prejudicada pela má prática mental. Para se proteger contra a sugestão mental agressiva, a Sra. Eddy escreveu na carta à Sra. Lathrop: "Não existe outra mente para me tentar, para me prejudicar ou para me dominar. Compreendo espiritualmente essa verdade e sou dona da situação." Não é esta uma declaração poderosa? Reparem como a Sra. Eddy sublinha o fato de não existir senão uma Mente com a afirmação "compreendo espiritualmente essa verdade" e não "vou tentar compreendê-la" ou "compreendê-la-ei um dia" — ela reivindica essa compreensão no momento presente. Foram muitas as vezes em que recorri a esta pequena oração de louvor a Deus: "Deus é a única Mente; esta Mente é a minha Mente e é a Mente do meu próximo." Utilizo também frequentemente as seguintes palavras da Sra. Eddy: "não existe outra mente para me tentar, para me prejudicar ou para me dominar. Compreendo espiritualmente essa verdade e sou dona da situação". Não constitui essa declaração uma defesa perfeita contra a sugestão agressiva? Essa verdade anula completamente a possibilidade de existência de tal coisa pelo reconhecimento da totalidade da única Mente, Deus, e da absoluta não-existência de alguma outra mente. Mais ainda, elimina não somente a noção da mente mortal como poder, mas também como presença.

Não é algo maravilhoso sabermos que somos donos da situação? Compreendendo espiritualmente que Deus é a nossa Mente, não podemos ser mesmerizados ao ponto de cremos que somos mortais. Estamos no presente inteiramente conscientes e vigilantes a respeito da verdade do ser. Sabemos quem somos, o que somos, onde estamos e aquilo que se passa. Alegremo-nos várias vezes ao longo do dia com o fato de não sermos mortais mesmerizados e sim imortais totalmente conscientes. Não podemos ser tentados a acreditar que somos Napoleão, pois sabemos quem somos; não podemos ser tentados a crer que somos um cigano, pois sabemos quem somos; nem sequer podemos ser tentados a acreditar que somos um mortal.

Sabem quem nós somos? Somos os filhos e as filhas do Rei e estamos conscientes da nossa verdadeira identidade. Não

podemos ser tentados a acreditar que somos um ser material, físico e corpóreo, pois sabemos quem somos. Sabemos ser "(...) o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser (...)" (Hebreus 1:3). Nem sequer podemos ser tentados a admitir e menos ainda a ser mesmerizados pela crença que vivemos num universo material. Sabemos onde estamos; sabemos que nEle "vivemos, e nos movemos e existimos" (Atos 17: 28) e que por isso, o nosso universo é espiritual, é o universo da Mente.

Não podemos ser hipnotizados pela crença de que a enfermidade, a carência, os relacionamentos desarmoniosos, os acidentes, etc., possam nos atingir. Estamos totalmente conscientes do fato de que podem somente acontecer coisas maravilhosas. Existimos, vivemos, sentimos e alegramo-nos num sentido científico de saúde, de relacionamentos harmoniosos, de ordem divina, de paz, de prosperidade e de vida em abundância. Como tudo o que se passa é o próprio Deus a expressar-se, os resultados só podem bons.

Não é maravilhoso saber que somos um imortal totalmente consciente de quem é, daquilo que é e daquilo que o rodeia? Aceitemos essa verdade, reivindicuemo-la com firmeza e regozijemo-nos com ela.

A seguinte experiência, ocorrida durante a II Guerra Mundial, foi sempre uma fonte de inspiração para mim: uma mulher vivia num país dominado pelas forças nazistas. Então um dia, sem qualquer aviso prévio, os soldados inimigos invadiram a sua casa, e em conjunto com outras mulheres, levaram-na para um campo de concentração. Anteriormente, o seu marido já havia sido feito prisioneiro, encontrando-se também num campo de concentração. Ao ser levada, essa mulher fora forçada a abandonar em sua casa duas crianças sem idade suficiente para tomar conta de si próprias. Assim, ela dispôs-se de imediato a não ser mesmerizada ou hipnotizada, aceitando a idéia de que algo horrível pudesse suceder. Viu claramente que Deus era a sua Mente e compreendeu que essa Mente divina estava certamente consciente da sua própria identidade, de onde ela estava e daquilo que se passava. Nem por um só instante ela permitiu ser mesmerizada, aceitando ser uma mortal numa prisão inimiga.

Insistiu mentalmente no fato de que era uma filha imortal de Deus, ilimitada, livre e habitando em segurança "no escondenjo do Altíssimo". Nunca por um instante, ela permitiu ser mesmerizada, aceitando que o comportamento de alguns mortais maldosos tivesse consequências terríveis. Ela viu os soldados inimigos "na Ciência", como o homem perfeito da criação de Deus, exprimindo apenas as qualidades de Deus, plenas de

amor e de consideração. Elevando-se acima dos muros da prisão, ela recusou ser tentada a admitir que existia um universo dilacerado pela guerra, onde se encontravam crianças sozinhas, necessitando da ajuda de um homem preso num campo de concentração. Invertendo o caso, ela regozijou-se pelo fato de estar totalmente consciente da verdade de que no universo da Mente — o único universo que existe — apenas podem suceder coisas maravilhosas aos filhos de Deus. Como resultado dessa forma de pensar, numa certa manhã um soldado inimigo decidiu abrir as portas daquele campo da prisão. Nenhuma explicação foi dada para esse ato; nenhum aspecto da guerra se alterara e o campo inimigo não mudara de sítio; nesse momento, mais nenhum prisioneiro de outros campos de concentração foi libertado. Apenas essa mulher sabia porque é que a liberdade lhes fora restaurada, a ela e às suas companheiras: Ela tornara-se "dona da situação". Sabendo que Deus era a única Mente, recusara-se a ser mesmerizada. É interessante acrescentar que pouco tempo após ter sido feita prisioneira, um vizinho acolhera as duas crianças em sua casa, tomando-as a seu cargo; da mesma forma, pouco tempo depois de ter regressado a casa o seu marido obteve igualmente a liberdade.

Também nós podemos alcançar a libertação da mortalidade nas nossas vidas e nas de outros, se negarmos com firmeza que podemos ser mesmerizados ao acreditar que somos mortais vivendo num universo material; e também se nos regozijamos no fato de que estamos, logicamente, totalmente despertos para a realidade de que vivemos num universo espiritual, conscientes de que somos os filhos perfeitos de Deus.

Recordam-se do interessante relato do filho do rei que nunca foi cigano, com o qual iniciei estas páginas?

Apesar de muito apreciar essa história e apesar das bençãos que ela me proporcionou, esse não é o relato que vos diz respeito. Tenho agora o privilégio de vos deixar a vossa história verdadeira:

Era uma vez o filho do Rei. Era de tal forma obediente a seu Pai, que nunca chegou a se perder nos bosques; nunca foi raptado por um bando de ciganos; nunca cresceu de forma a assemelhar-se a um cigano, nem adquiriu um nome cigano, como nunca aprendeu o idioma desse povo; nunca lhe foi necessário revelar que ele não era um cigano e sim o filho do Rei, tal como nunca foi necessário convencê-lo a identificar-se corretamente, de forma a obter tudo a que tinha direito.

Ao invés de errar sem rumo pela mortalidade, o homem habita

constantemente na imortalidade, em vez de envelhecer na mortalidade, o homem que habita na imortalidade não possui idade; ao invés de ter que se elevar à verdade do seu ser, o homem reconhece sempre ser o filho de Deus; ao invés de ter de aprender tudo de novo sobre seu Pai, o homem nunca deixou de O conhecer, amar, louvar e adorar, tal como nunca deixou de compreender a sua relação com Ele; em vez de se ter de identificar de novo como Seu filho, o homem continua simplesmente a ser o Seu filho bem-amado, em quem "Ele se regozija", "assentado à direita" de Deus, o Pai todo-poderoso; em, vez de ter de reivindicar novamente a sua herança, o homem jamais deixou de estar inteiramente consciente do fato de que todas as bênçãos de Deus lhe pertencem natural e necessariamente. A descrição que Paulo fez aos Hebreus acerca de Jesus é a verdadeira descrição do homem:

"Sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto feito semelhante ao Filho de Deus." (C&S 7: 3)

Created using the [Hesting.com WSMCafe](#). Copyright 2000 [Hesting.com](#).